



Anjo Sombrio

Tradução de Maria João Trindade

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

CYNTHIA HAND



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para Carol, a minha mãe



*Quando os homens começaram a multiplicar-se na Terra e lhes
nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram
belas, e tomaram para si todas as que escolheram.*

Gênesis 6:1-2

Prólogo

 No sonho, há uma sensação de tristeza. Sinto-a mais do que qualquer outra coisa, uma dor terrível que me sufoca, me tolda a visão e me faz arrastar os pés enquanto avanço pela relva alta. Caminho por entre pinheiros, numa subida ligeira. Não é a encosta da minha visão, não é o incêndio florestal, nem nenhum outro sítio que já tenha visto. Isto é novo. Lá em cima, o céu é de um azul puro, sem nuvens. O Sol brilha. Os pássaros cantam. Uma brisa suave agita as árvores.

Deve andar um Asa Negra por perto, *muito* perto, a julgar pela dor insuportável. Olho em redor. É aí que vejo o meu irmão a caminhar ao meu lado. Está de fato, de casaco preto e tudo: camisa cinzenta-escura com botões no colarinho, sapatos brilhantes, uma gravata prateada às riscas. Olha em frente, com os maxilares cerrados com determinação, raiva ou qualquer outra coisa que não consigo identificar.

— Jeffrey — murmuro.

Ele não olha para mim. Diz:

— Vamos acabar com isto de uma vez.

Gostava de saber o que quis ele dizer.

Então, alguém me dá a mão. E é uma sensação familiar, o calor da sua pele, os dedos finos mas masculinos que envolvem os meus. Parece a mão de um cirurgião, pensei uma vez. A mão de Christian. Sustenho a respiração. Não devia deixá-lo dar-me a mão, não agora, depois de tudo o que aconteceu; mas não me afasto. Olho para a manga do seu casaco e vou subindo até lhe ver o rosto, os seus olhos sérios, verdes e com manchas douradas. E por instantes a tristeza abranda.

Tu consegues fazer isto, sussurra ele na minha mente.

L

À Procura de Midas

A *Bluebell* já não é azul. O incêndio transformou a *Chevy LUV* de 1978 de Tucker numa mistura de preto, cinzento e laranja enferrujado; os vidros estilhaçaram com o calor, os pneus desapareceram, o interior é uma confusão enegrecida e doentia de metal, tablier derretido e estofos. Custa a acreditar, olhando agora para ela, que há algumas semanas, uma das coisas que eu mais gostava de fazer era andar às voltas nesta velha carrinha com os vidros abertos, deixando os meus dedos cortar o ar, olhando de relance para Tucker simplesmente porque gostava de olhar para ele. Foi aqui que tudo aconteceu, contra os assentos bolorentos e gastos da *Bluebell*. Foi aqui que me apaixonei.

E agora está tudo queimado.

Tucker está a olhar para o que sobra da *Bluebell* com tristeza nos seus olhos azuis e tempestuosos, com uma mão pousada no capô chamuscado como se estivesse a despedir-se pela última vez. Pego-lhe na outra mão. Não falou muito desde que aqui chegámos. Passámos a tarde a vaguar pela parte ardida da floresta, à procura de *Midas*, o cavalo de Tucker. Parte de mim achou que era má ideia voltar aqui para procurar, mas quando Tucker me pediu para o trazer, disse que sim. Percebo — ele adorava *Midas*, não só por ser um cavalo campeão de rodeios, mas porque Tucker tinha estado presente na noite em que *Midas* nasceu, tinha-o visto a dar os seus primeiros passos inseguros, tinha-o criado, treinado e montado em praticamente todos os trilhos equestres de Teton County. Quer saber o que lhe aconteceu. Quer pôr uma pedra sobre o assunto.

Sei bem o que isso é.

A dada altura encontrámos o cadáver de um alce, quase em cinzas, que por um horrível instante pensei ser *Midas*, até ver as hastes. Mas foi tudo o que encontrámos.

— Desculpa, Tuck — digo agora. Sei que não podia ter salvo *Midas*; era impossível ter voado a carregar Tucker e um cavalo adulto para longe da floresta em chamas naquele dia, mas de alguma forma ainda me parece ter sido culpa minha.

A mão dele aperta a minha. Vira-se e mostra-me uma ligeira covinha no rosto.

— Ei, não peças desculpa — diz ele. Ponho um braço à volta do seu pescoço quando ele me puxa mais para si. — Eu é que devia pedir desculpa por te ter arrastado para aqui hoje. É deprimente. Acho que devíamos comemorar ou assim. Afinal de contas, salvaste-me a vida. — Sorri, e desta vez é um sorriso verdadeiro, cheio de carinho, amor e tudo o que eu pudesse pedir. Puxo-lhe o rosto para baixo, encontrando todo o tipo de consolo na forma como os seus lábios se movem sobre os meus, a batida do seu coração contra a palma da minha mão, a simples firmeza e força deste rapaz que me roubou o coração. Por um minuto, deixo-me envolver por ele.

Falhei o meu propósito.

Tento afastar esse pensamento, mas ele perdura. Algo se contorce dentro de mim. Uma rajada de vento forte atinge-nos e a chuva, que antes estava a cair suavemente sobre nós, começa a cair com mais força. Há três dias inteiros que não para de chover, desde os incêndios. Está frio, aquela humidade gelada que me atravessa o casaco. O nevoeiro rola por entre as árvores enegrecidas.

Na verdade, faz-me lembrar o Inferno.

Afasto-me de Tucker, a tremer.

Meu Deus, preciso de terapia, penso.

Claro. Como se conseguisse imaginar-me a contar a minha história a um psiquiatra, estendida num divã a falar sobre o facto de ser parcialmente um anjo, de todos os sangue-de-anjo terem um propósito a cumprir, pelo qual somos postos na Terra, sobre a forma como no dia do meu propósito esbarrei acidentalmente com um anjo caído. Que me levou literalmente ao Inferno durante cinco minutos. Que tentou matar a minha mãe. E como o combati com uma espécie de luz sagrada e mágica. Depois tive de sair a voar para salvar um rapaz de um incêndio florestal, só que não o salvei. Em vez disso, salvei o meu namorado. Mas afinal o primeiro rapaz de qualquer maneira não precisava que o salvassem porque também é parte anjo.

Pois, de alguma forma tenho a sensação de que a minha primeira visita a um psicólogo acabaria comigo numa camisa de forças a acomodar-me na minha nova cela acolchoada.

— Estás bem? — pergunta-me Tucker em voz baixa.

Não lhe contei do Inferno. Nem do Asa Negra. Porque a mãe diz que quando sabemos que os Asas Negras existem, é mais provável que reparem em nós, seja lá como isso funciona.

Não lhe contei muita coisa.

— Estou bem. Só estou... — Como? Como estou? Irremediavelmente confusa? Completamente baralhada? Eternamente condenada?

Decido-me por:

— Com frio.

Ele abraça-me, esfrega as mãos nos meus braços para cima e para baixo, tentando aquecer-me. Por um segundo vejo aquele olhar preocupado e ligeiramente ofendido que ele faz quando sabe que não estou a contar-lhe toda a verdade, mas estico-me e dou-lhe outro beijo, um beijo suave, no canto da boca.

— Nunca mais voltamos a separar-nos, está bem? — digo-lhe. — Acho que não aguentava.

O olhar dele suaviza-se.

— Combinado. Nunca mais acabamos. Anda — diz ele, dando-me a mão e levando-me de volta para o sítio onde o meu carro está estacionado na beira da clareira ardida. Abre-me a porta, depois corre para o lado do passageiro e entra. Faz um sorriso rasgado.

— Que raio, vamos sair daqui.

Adoro que ele diga “que raio” em vez de “que diabo”.

Já estou mesmo farta do Inferno.

Este ano é uma rapariga diferente que está sentada no *Prius* prateado, no parque de estacionamento da Escola Secundária de Jackson Hole, no seu primeiro dia de aulas. Para começar, esta rapariga é loira: tem o cabelo comprido e ondulado, dourado com tons discretos de ruivo. Usa-o preso num rabo-de-cavalo apertado na nuca, e por cima disso enfiou um chapéu *fedora*¹ cinzento, que espera que lhe dê uma imagem tão descontraída e *vintage* que desvie um pouco a atenção do seu cabelo. Parece beijada pelo sol — não necessariamente bronzeada, mas com um brilho bastante distinto. Mas não é nem o cabelo nem a pele que não reconheço como meus quando espreito para o espelho retrovisor. São os olhos. Naqueles enormes olhos de tom cinzento-azulado há um conhecimento completamente novo do bem e do mal. Pareço mais velha. Mais sábia. Espero que isso seja verdade.

¹ Chapéu feito geralmente em feltro, de formato semelhante ao do chapéu Panamá. É normalmente associado aos filmes da década de 1940. (N. da T.)

Saio do carro. Lá em cima, o céu está cinzento. Continua a chover. Continua a estar frio. Não consigo evitar analisar as nuvens, procurar dentro da minha própria consciência por qualquer vestígio de tristeza que possa significar que há um anjo maléfico à espreita, mesmo que a mãe tenha dito que não é provável que Samjeeza volte a perseguir-nos para já. Feri-o e, aparentemente, os Asas Negras precisam de algum tempo para sarar, tem algo a ver com a forma como o tempo funciona no Inferno. Um dia são mil anos, mil anos são um dia, qualquer coisa assim. Não finjo compreender isso. Fico simplesmente feliz por saber que não temos de sair a correr de Jackson e deixar toda a minha vida para trás. Pelo menos, por enquanto.

Não há vibrações de anjos maléficos, por isso olho em redor do parque de estacionamento, com esperança de ver Tucker, mas ele ainda não chegou. Não me resta mais nada a não ser ir lá para dentro. Arranjo o chapéu uma última vez e dirijo-me para a porta.

O meu décimo segundo ano espera-me.

— Clara! — chama-me uma voz conhecida, ainda antes de conseguir subir três degraus. — Espera aí.

Viro-me e vejo Christian Prescott a sair da sua carrinha de caixa aberta, novinha em folha. Esta é preta, enorme, com prata brilhante nas rodas, as palavras DEVER SUPREMO estampadas na traseira. A velha carrinha, a *Avalanche* prateada que costumava estar permanentemente estacionada nos recantos das minhas visões, também ardeu na floresta. Não foi um bom dia para as carrinhas.

Espero por ele enquanto corre na minha direção. Basta-me olhar para ele para me sentir estranha, nervosa, como se estivesse a perder o equilíbrio. A última vez que o vi foi há cinco noites, quando estávamos de pé no meu alpendre, ambos ensopados pela chuva e cobertos de fuligem, a tentar arranjar coragem para entrar. Tínhamos tantas loucuras para desvendar, mas acabámos por nunca o fazer, o que, confesso, não foi culpa de Christian. Chegou mesmo a ligar-me. Muitas vezes, naqueles dois primeiros dias. Mas sempre que eu via o seu nome a iluminar-se no meu telefone, parte de mim paralisava sempre, era o proverbial veado encandeado pelos faróis, e eu não atendia. Quando finalmente atendi, parecíamos não saber o que dizer um ao outro. Tudo se resumiu a “Então, não precisavas que te salvasse.” “Não. E tu não precisavas que eu te salvasse.”

E rimo-nos envergonhados, como se toda esta questão do propósito fosse alguma partida, e depois ficámos os dois calados, porque que mais havia a dizer? Desculpa, estraguei tudo, parece que dei cabo do teu propósito divino? Enganei-me?

— Olá — diz ele agora, parecendo sem fôlego.

— Olá.

— Belo chapéu — diz ele, mas o seu olhar vai direito ao meu cabelo, como se de cada vez que me visse com a cor de cabelo certa, confirmasse que sou a repariga das suas visões.

— Obrigada — consigo dizer. — Estou a tentar disfarçar.

Christian franze o sobrolho.

— Disfarçar?

— Tu sabes. O cabelo.

— Ah. — Levanta a mão como se fosse tocar na madeixa irritante que já se soltou do meu rabo-de-cavalo, mas em vez disso cerra o punho e baixa-o. — Porque não voltas a pintá-lo?

— Já tentei. — Dou um passo atrás, prendo a madeixa fugitiva atrás da orelha. — A cor já não pega. Não me perguntes porquê.

— Que mistério — diz ele, e o canto da sua boca arrebita formando um pequeno sorriso que no passado me teria deixado o coração como manteiga derretida. Ele é giro. E sabe que é giro. Eu sou comprometida. Ele sabe que sou comprometida, e no entanto aqui está ele com sorrisos e assim. Isto irrita-me. Tento não pensar no sonho que tenho tido esta semana, na forma como Christian parece ser a única coisa em todo o sonho que me impede de perder completamente a cabeça. Tento não pensar nas palavras “*o nosso lugar é ao lado um do outro*”, aquelas palavras que costumavam aparecer constantemente na minha visão.

Não quero que o meu lugar seja ao lado de Christian Prescott.

O sorriso desvanece-se, fica novamente com um olhar sério. Parece querer dizer alguma coisa.

— Então, vemo-nos por aí — digo, talvez um pouco animada de mais, e precipito-me para o edifício.

— Clara... — Ele corre atrás de mim. — Ei, espera. Estava a pensar que talvez pudéssemos almoçar juntos?

Paro e olho-o fixamente.

— Ou não — diz ele com aquele riso/suspiro que ele faz. O meu coração entra em altas rotações. Já não estou interessada em Christian, mas o meu coração parece não ter recebido a mensagem. Merda. Merda. Merda.

Algumas coisas mudam. Parece-me que outras não.

Toda a gente repara no meu cabelo. Claro. Tinha esperança que reparassem de forma silenciosa, alguns sussurros, alguma bisbilhotice por alguns dias e depois passaria. Mas estou há dois minutos na aula de Francês do primeiro período quando a professora me obriga a tirar o chapéu, e então é como se houvesse uma explosão nuclear.

— Tão lindo, tão lindo. — A Menina Colbert não para de o dizer, quase

a chegar-se a mim e a afagar-me a cabeça. Mantenho a história que inventei com a mãe, acerca de neste verão termos encontrado uma cabeleireira fantástica na Califórnia e termos pago uma quantia astronómica para ela me passar de um pesadelo cor de laranja para um loiro-morango fabuloso. Dizer tudo isso em francês ao nível do secundário enquanto finjo não falar a língua na perfeição é uma parte especialmente divertida da manhã. Estou pronta para ir para casa antes das nove. Depois esgueiro-me para Cálculo Avançado, a campainha toca, e é como se todo o fiasco recomeçasse. *O teu cabelo, o teu cabelo, tão lindo*. E depois novamente, na aula de Arte do terceiro período, todos parecem querer desenhar-me e ao meu cabelo espantoso.

E no quarto período, Política Governamental Avançada, ainda é pior. Christian está lá.

— Olá outra vez — diz ele enquanto eu fico espedada à porta, a olhar para ele de boca aberta.

Acho que não devia ficar surpreendida. A Escola Secundária de Jackson Hole só tem cerca de seiscentos alunos, por isso há grandes probabilidades de termos uma aula juntos. É suposto Tucker também estar nesta aula, segundo o que confirmei.

Onde... *raio* anda Tucker esta manhã? Agora que penso nisso, também ainda não vi Wendy.

— Vais entrar? — pergunta Christian.

Deslizo para o lugar ao seu lado e vasculho a minha mochila à procura do meu caderno de apontamentos e de uma caneta. Inspiro profundamente e expiro devagar, rodo a cabeça de um lado para o outro para libertar alguma da tensão que tenho no pescoço.

— Já está a ser um longo dia? — pergunta Christian.

— Nem fazes ideia.

Nesse preciso momento, Tucker entra descontraidamente.

— Andei o dia todo à tua procura — digo, enquanto ele reclama a secretária que está do meu outro lado. — Só chegaste agora à escola?

— Sim. Problemas com o carro — diz Tucker. — Temos um carro velho e em péssimo estado que usamos no rancho, e hoje de manhã não queria pegar. Se achavas que a minha carrinha era sucata, devias ver esta coisa.

— Eu nunca achei que a *Bluebell* fosse sucata — digo-lhe.

Ele aclara a garganta e sorri.

— E esta? Estamos os dois juntos numa aula, tu e eu, e este ano nem sequer tive de subornar ninguém.

Rio-me.

— Subornaste alguém no ano passado?

— Não oficialmente — admite Tucker. — Pedi à senhora Lowell, a senhora do gabinete que trata dos horários, com muito jeitinho para me meter

na aula de História das Ilhas Britânicas. E foi à última da hora, quer dizer, uns dez minutos antes de a aula começar. Sou amigo da filha dela, isso ajudou.

— Mas porquê...?

Ele ri-se.

— És gira quando demoras a perceber.

— Por minha causa? Não pode ser. Tu detestavas-me. Eu era aquela miúda *yuppie* da Califórnia que insultou a tua carrinha.

Ele faz um sorriso rasgado. Eu abano a cabeça, perplexa.

— És louco, sabes disso?

— Oh, e aqui estava eu a pensar que estava a ser querido e romântico e isso tudo.

— Certo. Então, és amigo da filha da senhora Lowell? Como é que ela se chama? — pergunto a fingir que estou com ciúmes.

— Allison. É uma miúda simpática. Foi uma das raparigas que levei ao baile de finalistas no ano passado.

— É bonita?

— Bem, é ruiva. Eu tenho um fraquinho por ruivas — diz ele. Dou-lhe um soco ao de leve no braço. — Ei. Também tenho um fraquinho por du-ronas.

Volto a rir-me. É quando sinto o acesso de frustração, tão forte que me apaga o sorriso do rosto.

Christian.

Este tipo de coisa tem acontecido, ultimamente. Às vezes, normalmente quando menos o espero, é como se tivesse acesso à cabeça das outras pessoas. Como agora, por exemplo, consigo aperceber-me da presença de Christian do meu outro lado de forma tão intensa que parece que está a atravessar-me com os olhos. Não é tanto como se percebesse o que ele está a pensar em palavras, mas sim o que ele sente — está a reparar na naturalidade com que entro nesta conversa fácil com Tucker. Desejava que eu brincasse com ele desta forma, que pudéssemos finalmente falar um com o outro, finalmente criar uma ligação. Quer que eu me ria assim.

Já agora, saber isto é uma seca. A mãe chama-lhe empatia, diz que é uma dádiva rara entre os sangue-de-anjo. Dádiva rara, hã? Pergunto-me se aceitarão devoluções.

Tucker olha por cima do meu ombro e parece reparar em Christian pela primeira vez.

— Como estás, Chris? Tiveste um bom verão? — pergunta ele.

— Sim, fantástico — responde Christian. A sua mente retira-se subitamente da minha, numa onda de indiferença forçada. — E tu?

Olham fixamente um para o outro, num daqueles olhares carregados de testosterona.

— Excelente — diz Tucker. A sua voz tem um tom de desafio. — Foi o melhor verão da minha vida.

Pergunto-me se será tarde de mais para sair desta aula.

— Bem, é esse o mal do verão, não é? — diz Christian um minuto depois. — Mais cedo ou mais tarde, tem de acabar.

É um alívio quando a aula acaba. Mas então tenho de ficar de pé à entrada do refeitório e decidir o que fazer em relação ao almoço.

Opção A: O meu habitual. A mesa das Invisíveis. Wendy. Tagarelice. Talvez um pouco de conversa constrangedora sobre o facto de agora eu namorar com o seu irmão gémeo, e talvez ela me pergunte o que aconteceu exatamente nos bosques no dia do incêndio, ao que não sei como responder. Mesmo assim, ela é uma das minhas melhores amigas, e não quero continuar a evitá-la.

Opção B: Angela. Angela gosta de comer sozinha, e as pessoas normalmente dão-lhe muito espaço. Talvez, se eu me sentasse com ela, me dessem muito espaço também. Mas então teria de responder às perguntas dela e ouvir as suas teorias, com as quais me tem praticamente bombardeado nos últimos dias.

Opção C (não é propriamente uma opção): Christian. Está de pé no canto, com um ar casual, a fazer de propósito para não olhar para mim. Sem expectativas, sem me pressionar, mas ali está ele. A querer que eu repare que ele está ali. Com esperança.

Nem pensar em ir naquela direção.

Então, a situação basicamente decide por mim. Angela olha para cima. Inclina a cabeça para indicar o lugar vazio ao seu lado. Como não corro para ele, ela grita:

— Anda cá.

Madona.

Vou até ao canto onde ela está e afundo-me numa cadeira. Está a ler um livro pequeno e cheio de pó. Fecha-o e fá-lo deslizar pela mesa na minha direção.

— Vê isto — diz ela.

Leio o título.

— *O Livro de Enoch*?

— Sim. Uma cópia mesmo, mesmo, ridiculamente antiga, por isso tem cuidado com as páginas. São frágeis. Vamos ter de falar sobre isto o mais rápido possível. Mas primeiro... — Olha para cima e depois grita: — Ei, Christian.

Oh. Meu. Deus. O que está ela a fazer?

— Angela, espera um segundo, não...

Ela faz-lhe sinal. Isto pode ser mau.

— O que se passa? — diz ele, descontraído e mantendo a compostura como sempre.

— Vais sair para almoçar, não vais? — pergunta Angela. — Sais sempre.

O olhar dele desvia-se para o meu.

— Estava a pensar nisso.

— Certo, então não quero estragar-te os planos nem nada disso, mas acho que tu, eu e a Clara devíamos ter uma reunião depois das aulas. No teatro da minha mãe, o *Pink Garter*, na cidade.

Christian parece confuso.

— Hum, claro. Porquê?

— Digamos apenas que é um novo clube que estou a começar — diz Angela. — O Clube dos Anjos.

Christian volta a olhar para mim de relance. E sim, vejo a traição nos seus olhos verdes, porque obviamente eu contei o seu maior segredo à Angela. Quero explicar-lhe que Angela é como um cão de caça no que toca a segredos, que é virtualmente impossível escapar-lhe alguma coisa, mas não importa. Ela sabe. Ele sabe que ela sabe. O mal está feito. Lanço um olhar fulminante a Angela.

— Ela também é uma de nós — digo simplesmente, acima de tudo porque sei que ela queria surpreendê-lo, e faz-me sentir melhor arruinar-lhe os planos. — E é louca, obviamente.

Christian anui com a cabeça, como se esta revelação não fosse nenhuma surpresa.

— Mas vais lá estar, no *Pink Garter* — diz-me ele.

— Acho que sim.

— Está bem. Eu alinho — diz para Angela, mas continua a olhar para mim. — De qualquer forma, temos de falar.

Fantástico.

— Fantástico — diz Angela alegremente. — Vemo-nos depois das aulas.

— Até logo — diz Christian, e depois sai do refeitório.

Viro-me para Angela.

— Odeio-te.

— Eu sei. Mas também precisas de mim. Senão nunca se fazia nada.

— Continuo a odiar-te — digo, embora ela tenha razão. Mais ou menos. Esta coisa toda do Clube dos Anjos até parece uma ótima ideia, se me ajudar a perceber o que significa o facto de eu e Christian não termos cumprido o nosso propósito, uma vez que a minha mãe continua a não ser muito direta em relação a este assunto. Angela é excelente a pesquisar. Se

alguém consegue descobrir as consequências de um sangue-de-anjo falhar o seu propósito, é ela.

— Oh, tu sabes que me adoras — diz ela. Volta a passar-me o livro. — Agora pega nisto e vai almoçar com o teu namorado.

— O quê?

— Ali. Nota-se que ele está a sofrer por ti. — Aponta para trás de nós, onde, obviamente, na mesa das Invisíveis, Tucker está a conversar com Wendy. Ambos olham para mim fixamente, com expressões semelhantes de expectativa.

— Xô. Estás dispensada — diz Angela.

— Cala-te. — Pego no livro, enfio-o na mochila e dirijo-me para a mesa das Invisíveis. Ava, Lindsey e Emma, as minhas outras companheiras Invisíveis, sorriem-me e cumprimentam-me, juntamente com o namorado de Wendy, Jason Lovett, que calculo que este ano coma connosco em vez de comer com os seus habituais colegas dos videojogos.

É estranho, termos namorados.

— O que foi aquilo? — pergunta Wendy, espreitando para Angela com curiosidade.

— Oh, foi só a Angela a ser a Angela. Então, qual é a ementa da Secundária de Jackson para hoje?

— *Sloppy Joes*².

— Delicioso — digo sem entusiasmo.

Wendy revira os olhos e diz para Tucker:

— A Clara nunca gosta da comida daqui. Juro, come como um pisco.

— Hum — diz ele, com os olhos a brilhar, porque não é essa a experiência que tem comigo, de todo. Ao lado dele, sempre comi como um cavalo. Deslizo para o lugar ao lado do seu, e ele puxa a cadeira para mais perto da minha e põe um braço à minha volta. É perfeitamente inocente mas quase consigo sentir o tema de conversa a mudar no refeitório. Parece que vou ser aquela rapariga que dá a mão ao namorado enquanto passeiam pelos corredores, que rouba beijos entre as aulas, que faz olhinhos no meio do refeitório apinhado de gente. Nunca pensei ser essa rapariga.

Wendy bufa, e ambos nos viramos para olhar para ela. Desvia o olhar de mim para Tucker e depois olha para mim novamente. Sabe que namoramos, claro, mas nunca nos tinha visto assim juntos.

— Vocês são um bocado nojentos — diz ela. Mas depois puxa a cadeira para mais perto de Jason e dá-lhe a mão.

Tucker faz um sorriso malicioso que eu conheço demasiado bem. Não

² Prato americano composto de carne picada, cebola e molho de tomate servido em pão de hambúrguer. (N. da T.)

tenho tempo de protestar antes de ele se inclinar e me dar um beijo. Empuro-o, envergonhada, e depois derreto-me e por um minuto esqueço-me de onde estou. Finalmente, ele solta-me. Tento recuperar o fôlego.

Sou *mesmo* aquela rapariga. Mas ser aquela rapariga tem os seus privilégios.

— Que nojo, arranjem um quarto — diz Wendy, reprimindo um sorriso. É difícil lê-la, mas acho que ela está a tentar encarar com descontração esta questão de a sua melhor amiga namorar com o seu irmão, ao fingir estar completamente enojada. O que acho que quer dizer que ela aprova.

Reparo que por momentos o refeitório ficou em silêncio. Então, de repente, tudo recomeça numa torrente de conversas.

— Sabes que agora somos oficialmente o assunto do dia — digo a Tucker. Ele bem podia ter encostado um marcador à minha testa e escrito PROPRIEDADE DO TUCKER em letras pretas garrafais.

Levanta as sobrancelhas.

— Importas-te?

Pego-lhe na mão e entrelaço os seus dedos nos meus.

— Ná.

Estou com Tucker. Apesar do meu propósito falhado e tudo isso, parece que vou mesmo poder ficar com ele. Sou a rapariga com mais sorte do mundo.



A Primeira Regra do Clube dos Anjos

 O senhor Phibbs, o meu professor de Inglês Avançado, que por acaso é — graças a Deus! — a minha última aula do dia, faz-nos começar imediatamente com o nosso primeiro trabalho da “College English”³, uma composição pessoal sobre como nos vemos daqui a dez anos.

Tiro um caderno, clico a caneta para a posição de escrever. E fico a olhar para a página em branco. E olho. E olho.

Onde me vejo daqui a dez anos?

— Tente visualizar-se — diz o senhor Phibbs, como se me tivesse visto aqui no canto e soubesse que estou a ter dificuldades. Sempre gostei do senhor Phibbs; é quase como o nosso próprio Gandalf ou Dumbledore ou alguém fixe desse género, completo com óculos finos e redondos e um rabo-de-cavalo branco e comprido a sair-lhe pela parte de trás do colarinho. Mas neste momento está a dar cabo de mim.

Visualizar-me, diz ele. Fecho os olhos. Lentamente, uma imagem começa a materializar-se na minha mente. Uma floresta, por baixo de um céu cor de laranja. Uma cordilheira. Christian, à espera.

Abro os olhos. De repente, estou furiosa.

Não, não penso em ninguém em especial. Esse não é o meu futuro. É passado. O meu futuro é com Tucker.

Não é difícil de imaginar. Volto a fechar os olhos, e com algum esforço consigo ver o contorno do enorme celeiro vermelho no *Lazy Dog*; o céu lá em cima está limpo e azul. Há um homem a levar um cavalo a pastar.

³ Publicação oficial do American National Council of Teachers of English, destinado a alunos e professores de Inglês de nível universitário. (N. da T.)

Parece *Midas*, tem um belo tom castanho-avermelhado brilhante. E há — é nesta parte que o fôlego de repente me fica preso na garganta — um rapazi-
nho a montar o cavalo, um miúdo pequeno de cabelo escuro a rir-se como
Tucker (o homem é definitivamente Tucker; reconheceria aquele rabo em
qualquer lado), que o leva pelo pasto. O rapaz vê-me, acena. Eu aceno-lhe
também. Tucker leva o cavalo até à vedação.

— Olha para mim, olha para mim — diz o rapaz.

— Estou a ver-te! Olá, jeitoso — digo para Tucker. Ele inclina-se sobre a
vedação para me beijar, agarrando-me o rosto com as duas mãos, e é aí que
vejo o brilho do anel de ouro simples que ele tem no dedo.

Somos casados.

É o melhor sonho acordado que já tive. No fundo, sei que é apenas um
sonho acordado, a combinação da minha imaginação fértil e de otimismo
exagerado. Não é uma visão. Não é o futuro que me foi destinado. Mas é
aquele que quero.

Abro os olhos, aperto os dedos à volta da caneta e escrevo:

— Daqui a dez anos, estarei casada. Terei um filho. Serei feliz.

Clico a caneta para a fechar e fico a olhar para aquelas palavras. Sur-
preendem-me. Também nunca fui uma dessas raparigas que sonhavam
casar; nunca obriguei um rapaz a trocar votos comigo no recreio nem me
enrolei em lençóis e fingi caminhar para o altar. Quando era miúda, fa-
zia espadas com ramos de árvores, e eu e Jeffrey corríamos atrás um do
outro pelo quintal a gritar: “Rende-te ou morre!” Não é que eu fosse uma
maria-rapaz. Gostava de roxo, de verniz, de dormir em casa das amigas e
escrever o nome da minha paixoneta nas margens dos cadernos na escola,
tanto como qualquer outra rapariga. Mas sinceramente nunca considerei
a ideia de ser casada. Ser a senhora Alguém. Acho que presumi que mais
cedo ou mais tarde iria casar. Mas parecia ser algo ainda muito distante para
me preocupar.

Mas talvez seja uma dessas raparigas.

Olho outra vez para a folha. Tenho três frases. Wendy está obviamente a
escrever um romance completo acerca de como a sua vida vai ser fantástica,
e eu tenho três frases. Tenho a sensação de que não são o tipo de frases que
o senhor Phibbs vá apreciar.

— Pronto, mais cinco minutos — diz o senhor Phibbs. — Depois, va-
mos partilhar.

O pânico instala-se. Vou ter de inventar qualquer coisa. O que devia
eu querer ser? Angela vai ser poeta, Wendy é veterinária, ali a Kay Patter-
son é diretora de uma irmandade feminina e casa com um senador, Shawn
é campeão olímpico de *snowboard*, Jason é um daqueles programadores
informáticos que faz milhões e milhões de dólares ao inventar uma nova

forma de pesquisar no Google, e eu — eu — sou a comandante de um navio de cruzeiro. Sou uma bailarina famosa do Ballet de Nova Iorque. Sou cirurgiã cardíaca.

Escolho cirurgiã cardíaca. A minha caneta voa pela folha.

— Acabou o tempo — diz o senhor Phibbs. — Acabe a sua frase e depois vamos partilhar.

Volto a ler o que escrevi. Está bom. É uma treta pegada, mas é alguma coisa. “Não há nada mais inspirador do que a complexidade e a beleza do coração humano.” Escrevo como minha última frase, e quase consigo fazer-me a mim mesma acreditar naquilo. O sonho acordado com Tucker quase desapareceu da minha mente.

— Cirurgiã cardíaca, hã? — diz Angela enquanto subimos juntas a calçada da Broadway, em Jackson.

Encolho os ombros.

— Tu escolheste advogada. Achas mesmo que vais ser advogada?

— Eu daria uma excelente advogada.

Passamos para debaixo da arcada que diz PINK GARTER e Angela tira as chaves para destrancar a porta. Como é habitual a esta hora do dia, o teatro parece completamente abandonado.

— Anda. — Põe-me a mão no ombro e empurra-me pelo vestíbulo vazio.

Por um minuto, ficamos ali às escuras. Depois Angela afasta-se, desaparecendo na escuridão, e instantes depois um halo de luz surge no palco, que ainda está aperaltado com o cenário de *Oklahoma!*, um celeiro falso e milho. Desço o corredor com relutância, passando pelas filas de assentos vermelhos de veludo até à linha de mesas brancas e limpas à frente do poço da orquestra, onde eu e Angela passámos o último ano sentadas com os cadernos dela e pilhas de livros velhos e empoeirados a falar sobre anjos, anjos e mais anjos até eu achar que o meu cérebro ia derreter.

Angela praticamente salta para a frente do teatro. Trepas as escadas na beira do palco e fica de pé a olhar em redor, para conseguir ver bem quem entra. Sob as luzes, o seu cabelo preto e comprido tem um brilho azul-escuro que não é totalmente natural. Puxa as franjas para trás da orelha e olha para mim de cima com uma expressão de quem está incrivelmente satisfeita consigo mesma. Engulo em seco.

— Então, para que é isto tudo? — pergunto, tentando dar a impressão de que não quero saber. — Estou mortinha por saber.

— A paciência é uma virtude — diz ela com ironia.

— Não sou assim tão virtuosa.

Ela sorri misteriosamente.

— Achas que ainda não percebi isso?

Uma figura surge na parte de trás do teatro, e eu sinto o pânico a apertar-me o peito. Então a figura avança para a luz e eu sustenho a respiração por outro motivo.

Não é Christian. É o meu irmão.

Olho de relance para Angela. Ela encolhe os ombros.

— Ele merece saber tudo o que sabemos, certo?

Viro-me para trás e olho para o Jeffrey. Ele alterna entre um pé e o outro, desconfortável.

Tem sido difícil interpretar Jeffrey ultimamente. Definitivamente, passa-se alguma coisa com ele. Primeiro, houve a noite do incêndio, quando ele saiu disparado do meio das árvores, como se o diabo o perseguisse, com as asas cor de chumbo. Não sei se isso significa alguma coisa, o estado do seu bem-estar espiritual ou algo assim, uma vez que as minhas asas nessa altura também estavam bastante escuras, à conta da fuligem. Ele disse que andava lá à minha procura, coisa que eu não acredito. Mas uma coisa é certa; ele estava lá. Na floresta. Durante o incêndio. E depois, no dia seguinte, estava colado à televisão, a ver cada minuto das notícias. Como se estivesse à espera de alguma coisa. E mais tarde tivemos esta conversa:

Eu (depois de ter deixado escapar que encontrei Christian na floresta e que ele é um sangue-de-anjo):

— Então até foi bom eu ter salvo o Tucker em vez dele.

Jeffrey:

— Bem, o que era suposto fazeres, se o teu propósito não tinha a ver com salvar o Christian?

A pergunta do milhão de dólares.

Eu (inconsolável):

— Não sei.

Então Jeffrey fez a coisa mais estranha. Riu-se, deu uma gargalhada amarga e falsa, que instantaneamente me caiu mal. Tinha acabado de confessar que tinha feito asneira na coisa mais importante que era suposto fazer na vida, a minha razão para estar neste planeta, e ele riu-se de mim.

— Que foi? — gritei-lhe. — Qual é a piada?

— Caramba — disse ele. — Isto parece uma maldita tragédia grega. — Abanou a cabeça como quem não acredita. — Salvaste o Tucker em vez do Christian.

Devo ter-lhe chamado parvalhão ou algo do género. Mas ele continuou a rir-se, até eu querer realmente bater-lhe, e depois a mãe, à sua maneira misteriosa, apercebeu-se da violência iminente e disse: — Parem, os dois — e eu saí intempestivamente para o meu quarto.

Só de pensar nisso agora, dá-me vontade de o espancar.

— Então, o que achas? — pergunta Angela. — Ele pode juntar-se a nós?

Decisão difícil. Mas chateada ou não, estou bastante curiosa para descobrir o que ele sabe exatamente. Visto que parece que ultimamente não andamos a comunicar bem, esta talvez seja a melhor maneira. Viro-me para Angela e encolho os ombros.

— Claro. Porque não?

— Isto tem de ser rápido — diz Jeffrey, atirando a mochila para cima de uma das cadeiras. — Tenho treinos.

— Não há problema. — Angela contém outro sorriso. — Só estamos à espera do...

— Estou aqui.

E aí está Christian, a descer o corredor a passos largos, de mãos nos bolsos. O seu olhar percorre o teatro como se estivesse a ponderar oferecer um valor para o comprar, inspecionando o palco, os assentos, as mesas, as luzes e armações nas vigas. Depois, olha para mim.

— Então vamos a isto — diz ele. — Seja o que for.

Angela não perde tempo.

— Juntem-se a mim aqui em cima.

Lentamente, todos avançamos para o palco e formamos um círculo com Angela.

— Bem-vindos ao Clube dos Anjos — diz ela de forma melodramática.

Christian faz aquela coisa de se rir e bufar ao mesmo tempo.

— Primeira regra do Clube dos Anjos: não se fala sobre o Clube dos Anjos.

— Segunda regra do Clube dos Anjos — acrescenta Jeffrey. — Não se fala sobre o Clube dos Anjos.

Ora bolas. Aqui vamos nós.

— Hilariante. Já estão a criar laços. — Angela não está a achar piada. — Mas a sério, acho que devíamos ter regras.

— Porquê? — quer saber Jeffrey. Sempre com o mau feitio, o meu querido irmãozinho. — Porque precisamos de regras num clube?

— Talvez se soubéssemos qual é o objetivo do clube... — acrescenta Christian.

Os olhos de Angela brilham de uma forma que já conheço — isto não está a correr conforme o seu plano cuidadosamente elaborado.

— O objetivo — diz ela num tom seco — é descobrir tudo o que conseguirmos sobre esta coisa do sangue-de-anjo, para não acabarmos, sabem, mortos.

Lá vem o melodrama. Angela bate palmas.

— Pronto, vamos certificar-nos de que estamos todos em sintonia. Na

semana passada, aqui a nossa menina Clara deu de caras com um Asa Negra nas montanhas.

— Estatelei-me, diz antes assim — murmuro.

Angela anui com a cabeça.

— Certo. Estatelaste-te. Porque este tipo emana uma espécie de tristeza tóxica que, por causa das capacidades lamechas da Clara, acabou com a leveza de que ela precisava para voar, por isso ela tombou, caiu do céu, mesmo onde ele a queria.

Jeffrey e Christian estão a olhar para mim.

— Caíste? — pergunta Jeffrey. Devo ter omitido essa parte da história quando a contei em casa.

— Capacidades lamechas? — pergunta Christian.

— Tenho uma teoria de que os Asas Negras não conseguem voar, já agora — continua Angela. Claramente, esta não é a parte de perguntas e respostas deste evento. — A sua tristeza pesa-lhes demasiado para levantarem voo. Nesta altura, é só uma teoria, mas até estou a gostar dela. Quer dizer que se alguma vez se cruzarem com um Asa Negra, talvez consigam escapar saindo a voar, porque ele não pode perseguir-vos.

Acho que ela precisa de um quadro negro. Assim podia realmente fazer um brilharete.

— Por isso, a Clara ficou incapacitada apenas por estar na presença de um Asa Negra — diz ela. — Devíamos descobrir se há alguma coisa que possamos fazer em relação a isso, alguma forma de bloquear a tristeza.

Concordo plenamente com essa ideia.

— E uma vez que a Clara e a mãe dela derrotaram o Asa Negra através da glória, acho que é essa a nossa chave.

— O meu tio diz que são precisos anos para conseguir controlar a glória — diz então Christian.

Angela encolhe os ombros.

— A Clara conseguiu, e é só uma *Quartarius*. De que nível és tu?

— Só um *Quartarius* — responde ele com um toque de sarcasmo.

Angela fica com aquele seu brilho nos olhos. Com que então, é a única *Dimidius* do nosso grupo. Tem a maior concentração de sangue de anjo. Acho que isso faz dela a nossa líder por natureza.

— Pronto, onde é que eu estava? — diz ela. Conta pelos dedos. — Primeiro objetivo, encontrar uma forma de bloquear a tristeza. Isso é principalmente uma tarefa para a Clara, já que ela parece ser-lhe especialmente sensível. Estava com ela quando vimos o Asa Negra no centro comercial no ano passado, e ele não me passou nada a não ser um ligeiro arrepio.

— Espera aí — interrompe Jeffrey. — Vocês as duas viram um Asa Negra no centro comercial no ano passado? Quando?

— Andávamos a comprar vestidos para o baile de finalistas. — Angela lança um olhar propositado a Christian, como se de alguma forma ele tivesse sido o culpado de todo o incidente, porque era o meu par.

— E porque é que eu não soube disto? — pergunta Jeffrey, voltando-se para mim.

— A tua mãe disse que isso te poria em perigo, o facto de saberes que eles existem. Segundo ela, quando sabes que os Asas Negras existem, eles reparam mais em ti — responde Angela por mim.

Jeffrey parece cético.

— Por isso, ela deve achar que já estás crescidinho, porque agora contou-te sobre eles, certo? — diz Angela num tom prestável.

Penso no olhar gélido da mãe na manhã depois do incêndio, quando contou a Jeffrey sobre Samjeeza.

— Ou isso, ou achou que era preciso que o Jeffrey tivesse uma ideia dos Asas Negras, para o caso de algum deles aparecer lá em casa a querer vingar-se — acrescento.

— O que nos traz ao segundo objetivo. — Angela avança rapidamente. Olha para mim de relance. — Acabaste de ler o livro que te dei?

— Ange, deste-mo ao almoço.

Ela suspira e lança-me um olhar que mostra o quanto me acha uma amadora.

— Podes ir buscá-lo, por favor?

Desço com um salto para ir buscar o livro à minha mochila. Angela decide que talvez fosse mais confortável irmos para uma mesa para nos atirmos de cabeça à pesquisa, o que para ela significa evidentemente começar já. Voltamos a reunir-nos à volta de uma mesa, e Angela tira-me *O Livro de Enoch*.

Começa a folheá-lo.

— Ouçam isto. — Aclara a garganta. — *“Aconteceu depois que os filhos dos homens se multiplicaram naqueles dias, que lhes nasceram filhas, elegantes e belas. E quando os Sentinelas, os filhos do Céu, as contemplaram, enamoraram-se delas, dizendo uns aos outros: Vinde, seleccionemos para nós mesmos esposas da progénie dos homens, e geremos filhos.”*

— Pronto, entram os sangue-de-anjo — comento.

— Espera aí. Estou a chegar à melhor parte... *“Então o seu líder, Samyaza, disse-lhes: Temo que talvez possais indispor-vos na realização deste empreendimento; e que só eu sofrerei por tão grave crime.”* Este nome não vos é familiar?

Sinto um arrepio a descer-me a espinha.

— Então é ele, o Samjeeza? O anjo que atacou a mãe e a Clara? — pergunta Jeffrey.

Angela recosta-se.

— Acho que sim. Isto continua, fala sobre como eles casaram com as humanas e ensinaram a humanidade a construir armas e espelhos, e lhes ensinaram feitiçaria e todo o tipo de coisas que eram tabu. Tiveram montes de filhos, que o livro descreve como gigantes maléficos — os *Nephilim* — que eram aberrações aos olhos de Deus, até serem tantos e a Terra se ter tornado tão maléfica que Deus mandou o dilúvio para os eliminar a todos.

— Então, nós somos gigantes maléficos — repete Jeffrey. — Meu, não somos assim tão altos.

— Naquela altura, as pessoas eram mais baixas — diz Angela. — Má nutrição.

— Mas isso não faz sentido — digo eu. — Como é que podíamos ser aberrações? Como é que temos culpa de ter nascido com sangue de anjo nas veias? Pensei que a Bíblia descrevia os *Nephilim* como heróis.

— E descreve — responde Angela. — *O Livro de Enoch* não faz parte da Bíblia. Tenho uma teoria de que pode ser uma espécie de propaganda contra os anjos. Mas é interessante, não é? Vale a pena dar uma vista de olhos. Porque este tal de Samjeeza está mesmo lá no meio. É o líder deste grupo de Asas Negras chamado “Os Sentinelas” que, de acordo com outra pesquisa que tenho andado a fazer, é um bando de anjos caídos cuja tarefa é basicamente seduzir humanas e produzir o máximo possível de sangue-de-anjo.

Fantástico.

— Pronto, então o segundo objetivo é saber mais sobre o Samjeeza — digo eu. — Entendido. Há mais objetivos?

— Um — diz Angela suavemente. — Achei que um dos objetivos do Clube dos Anjos devia ser ajudarmo-nos uns aos outros a descobrir os nossos propósitos. Quer dizer, vocês os dois já tiveram os vossos, mas não os cumpriram. Então, o que é que isso significa? — diz ela, olhando para Christian e para mim. — E o meu e o do Jeffrey ainda não chegaram. Talvez se pensarmos todos juntos, possamos entender melhor todo este conceito dos propósitos.

— Ótimo. Ei, olha, tenho de ir embora — diz Jeffrey abruptamente. — O treino começou há dez minutos. O treinador vai pôr-me a correr à volta do ginásio até cair.

— Espera, ainda não chegámos à parte das regras. — Angela chama-o enquanto ele se precipita para a porta.

— A Clara pode contar-me depois — grita por cima do ombro. — Ou podias fazer, tipo, umas placas de pedra ou assim. Os dez mandamentos do Clube dos Anjos. — Depois, vai-se embora.

Lá se vai a hipótese de descobrir o que ele sabe ao certo.

Angela olha para mim.

— Ele é engraçado.

— Sim, é um verdadeiro comediante.

— Então, as regras.

Suspiro.

— Diz-nos quais são.

— Bem, a primeira, e esta não é difícil de perceber, ninguém conta nada disto a ninguém. Somos os únicos que sabem do Clube dos Anjos, está bem?

— Não se fala do Clube dos Anjos — diz Christian com um sorriso afetado.

— Estou a falar a sério. Não contes ao teu tio. — Angela vira-se para mim. — Não contes à tua mãe. Não contes ao teu namorado. Perceberam? Segunda regra: o Clube dos Anjos é um segredo para toda a gente, mas nós não mantemos segredos entre nós. Esta é uma zona sem segredos. Contamos tudo uns aos outros.

— Está bem... — concordo. — Quais são as outras regras?

— É isso — diz ela.

— Ah. Uma por cada placa de pedra — digo a brincar.

— Ah. Ah. — Vira-se para Christian. — Então e tu? Estiveste muito calado este tempo todo. Também tens de jurar.

— Não, obrigado — diz ele educadamente.

Angela recosta-se na cadeira, surpreendida.

— Não, obrigado?

— As regras. Não vou tagarelar sobre isto aos meus colegas da equipa de esqui. Mas conto tudo ao meu tio, e vou contar-lhe isto. — Os seus olhos procuram os meus, crava-os em mim. — É estúpido não contar aos adultos o que sabemos. Só estão a tentar proteger-nos. E quanto à zona sem segredos, não posso concordar com isso. Nem sequer vos conheço assim tão bem, porque havia de vos contar os meus segredos? Nem pensar.

Angela está sem palavras. Eu até acho isto engraçado.

— Tens razão — digo. — Esquecemos as regras. Não há regras.

— Mas acho uma ótima ideia — diz Christian, como que a acalmar Angela. — Encontrarmo-nos e descobirmos o que podemos fazer, tentar entender as coisas. Contem comigo. Estarei aqui, seja quando for, até nevar; depois tenho a equipa de esqui. Mas nessa altura talvez possamos passar isto para o domingo à tarde, o que me daria jeito.

Angela recupera. Até esboça um sorriso.

— Claro, isso é possível. Provavelmente também será melhor para o horário do Jeffrey. Domingos. Ficamos com os domingos.

Há um momento de silêncio desconfortável.

— Então, pronto — diz Angela finalmente. — Acho que esta reunião está terminada.

Já é quase noite quando deixo o teatro. Há nuvens de tempestade a formarem-se lá em cima, a remexerem-se como um estômago às voltas. Acho que devia estar grata pela chuva, uma vez que a tempestade apagou os fogos, o que no fim de contas provavelmente salvou as vidas e as casas das pessoas. É apenas o clima, relembro a mim mesma, mas às vezes pergunto-me se este clima em particular foi enviado para me incomodar pessoalmente; como um castigo, talvez, por não fazer o meu trabalho, por falhar o meu propósito, ou qualquer outro tipo de mau presságio.

Tento despedir-me rápida e casualmente de Christian na esquina, mas ele põe-me a mão no braço.

— Ainda quero falar contigo — diz ele em voz baixa.

— Tenho de ir — consigo responder. — A minha mãe há de estar a pensar onde ando. Liga-me, está bem? Ou ligo-te eu. Um de nós devia mesmo ligar ao outro.

— Certo. — Baixa a mão. — Eu ligo-te.

— Tenho de ir. Estou atrasada.

E então parto na direção oposta.

Covarde, diz a voz irritante dentro da minha cabeça. *Devias falar com ele. Descobrir o que ele tem a dizer.*

E se ele disser que o nosso lugar é ao lado um do outro?

Então, terás de lidar com isso. Mas ao menos não saís a correr.

Acho que é mais um passo acelerado.

Seja o que for.

Estou a ter uma discussão comigo mesma. E estou a perder.

Isto não é nada bom sinal.

3

Os Segredos dos Outros

 Mãe sai do seu escritório assim que me ouve a entrar pela porta da frente.

— Ei — diz ela. — Como correu a escola?

— Toda a gente falou do meu cabelo, mas correu bem.

— Podíamos tentar pintá-lo outra vez — sugere ela.

Encolho os ombros.

— Deve querer dizer alguma coisa, certo? Deus quer que eu seja loira este ano.

— Certo — diz ela. — Queres uma bolacha, loirinha?

— Os pássaros voam? — Corro atrás dela para a cozinha onde, como já esperava, sinto o aroma de algo maravilhoso a cozer no forno. — Pepitas de chocolate?

— Claro. — O temporizador dispara, e ela calça uma luva de cozinha, tira o tabuleiro de bolachas do forno e pousa-o na banca. Puxo um banco do seu outro lado e sento-me. Parece tão normal que até é estranho, depois de tudo o que aconteceu, todo o drama, o termos de lutar pelas nossas vidas, a séria autodescoberta e agora... bolachas.

Na noite do incêndio, vim para casa a presumir que teríamos uma grande conversa reveladora e que tudo ficaria a descoberto agora que as coisas da minha visão tinham acontecido. Mas quando cheguei a casa, a mãe estava a dormir, *a dormir*, na noite mais importante da minha vida, e eu não a acordei, não a censurei porque na altura estávamos as duas tão fritas, literalmente, e ela tinha sido atacada, quase tinha morrido e tudo. Mas mesmo assim. Não era propriamente daquela forma que eu achava que o meu propósito ia acontecer.

Não é que não tivéssemos falado. Falámos, embora tenha sido principalmente um interrogatório do que já tinha acontecido. Não houve informações novas. Nenhuma revelação. Nenhuma explicação. A dada altura, perguntei “Então, o que acontece agora?” e ela disse “Não sei, querida” e foi só isso. Até seria capaz de a pressionar sobre o assunto, mas ela fazia sempre aquela cara, aquela expressão sombria, com os olhos tão carregados de dor e tristeza, como se estivesse incrivelmente desapontada comigo e com a forma como aconteceu o meu propósito. Claro que ela nunca o diria diretamente, nunca me diria que estraguei tudo, que achava que eu seria melhor do que isso, que achava que eu faria as escolhas certas quando chegasse a minha altura, que eu provaria ser digna de ser chamada de sangue-de-anjo. Mas o olhar diz tudo.

— Então — diz ela enquanto esperamos que as bolachas arrefeçam. — Pensei que chegasses a casa mais cedo. Foste ver o Tucker?

E já tenho de tomar uma grande decisão: contar-lhe sobre o Clube dos Anjos, ou não lhe contar.

Pronto. Penso então que a primeira coisa que saiu da boca da Angela em relação a regras era não contar a ninguém, principalmente aos adultos, e depois penso na forma como Christian recusou, sem mais nem menos, dizendo que conta tudo ao tio.

Eu e a mãe éramos assim. Éramos. Agora não tenho vontade nenhuma de partilhar estas coisas com ela, nem o Clube dos Anjos, nem o estranho sonho recorrente que tenho tido, nem o que sinto sobre o que aconteceu no dia do incêndio ou o que poderia ter sido o meu verdadeiro propósito. Não quero falar nisso agora.

Por isso, não falo.

— Estive no *Pink Garter* — digo. — Com a Angela.

Tecnicamente, não é mentira.

Preparo-me para a ouvir dizer que Angela, embora seja cheia de boas intenções, um dia vai meter-nos a todos em sarilhos. A mãe sabe que qualquer tempo passado com ela é passado a falar sobre os sangue-de-anjo e as inúmeras teorias da Angela.

Em vez disso, diz:

— Ah, muito bem. — E utiliza uma espátula para fazer deslizar as bolachas para uma grelha na banca. Roubo uma.

— Muito bem? — repito, incrédula.

— Pega num prato, por favor — diz-me ela, e obedeço. Depois, enquanto estou ali sentada com a boca cheia de delicioso chocolate, ela diz: — Nunca tive intenção de vos proteger dos outros sangue-de-anjo para sempre. Só queria que tivessem uma vida normal enquanto fosse possível, que soubessem o que é ser humano. Mas agora que têm idade suficiente,

que já passaram pelas vossas visões, tiveram uma ideia do mal que há neste mundo, e não acho que seja mau começarem a aprender o que realmente significa ser um sangue-de-anjo. O que significa conviverem com outros como vocês.

Pergunto-me se ela ainda estará a referir-se a Angela, ou se agora estará a falar de Christian. Se ela presume que o meu propósito é estar com ele. Não é muito feminista da parte dela, acho eu, se ela acha que todo o meu propósito neste planeta é engatar um tipo qualquer.

— Leite? — pergunta ela, e depois vai até ao frigorífico e serve-me um copo.

E é nesta altura que finalmente ganho coragem para lhe perguntar:

— Mãe, vou ser castigada?

— Porquê? — Ela pega numa bolacha. — Hoje fizeste alguma coisa que eu deva saber?

Abano a cabeça.

— Não. O meu propósito. Vou ser castigada porque não, tu sabes, não o realizei? Vou para o Inferno ou assim?

Ela quase se engasga com a bolacha, depois dá um gole rápido no meu leite.

— Não é exatamente assim que as coisas funcionam — diz ela.

— Como é que funcionam, então? Vou ter uma segunda oportunidade? Há mais alguma coisa que esperam que eu faça?

A mãe fica calada por um minuto. Quase consigo ver as rodas a girarem dentro da sua cabeça, a decidir o quanto me vai contar. Isto irrita-me profundamente, claro, mas não há muito que possa fazer quanto a isso. Por isso, espero.

— Todos os sangue-de-anjo recebem um propósito — diz ela, ao fim do que parece uma eternidade. — Para alguns, esse propósito manifesta-se num só acontecimento, um momento único no tempo em que somos levados para um lugar específico numa altura específica, para fazer algo em específico. Para outros... — Olha para baixo, para as mãos, escolhendo as palavras com cuidado. — O seu propósito pode envolver algo mais.

— Mais? — pergunto.

— Mais do que um único acontecimento.

Olho-a fixamente. Esta deve ser a conversa mais estranha que alguma mãe e filha tiveram enquanto tomavam leite e bolachas.

— Quantos?

Ela encolhe os ombros.

— Não sei. Somos todos diferentes. Os nossos propósitos são todos diferentes.

— Para ti, qual foi?

— Para mim... — Aclara a garganta delicadamente. — Foi mais do que um acontecimento — admite.

Não chega.

— Mãe, vá lá — exijo. — Não me deixes às escuras.

Inexplicavelmente, ela faz um sorriso ténue, como se me achasse piada.

— Vai correr tudo bem, Clara — diz ela. — Vais descobrir quando for suposto descobrires. Sei que é frustrante ouvir isso. Acredita que sei.

Engulo a loucura crescente que me está a dar a volta ao estômago.

— Como? Como é que sabes?

A mãe suspira.

— Porque o meu propósito durou mais de cem anos.

Fico de boca aberta.

Cem anos.

— Então... então, estás a dizer que pode não ter acabado?

— Estou a dizer que o teu propósito é algo mais complicado do que simplesmente concluir uma tarefa.

Levanto-me com um salto. Não posso continuar sentada a ouvir isto.

— Não podias ter-me contado isto, oh, sei lá, *antes* do incêndio?

— Não posso dar-te as respostas, Clara, mesmo que as saiba — diz ela.

— Se desse, isso poderia alterar o resultado. Só tens de confiar em mim quando te digo que terás as respostas quando precisares delas.

E cá está aquele olhar outra vez, o desgosto. Como se eu estivesse a desapontá-la neste preciso momento. Mas também vejo outra coisa nos seus olhos azuis e luminosos: fé. Ela ainda tem fé. De que há algum tipo de plano para as nossas vidas, algum tipo de significado ou direção por trás de tudo isto. Suspiro. Nunca tive o tipo de fé que ela tem, e temo nunca vir a ter. Mas percebo que embora tenha obviamente alguns problemas com ela, confio realmente nela. Confio-lhe a minha vida. Não só porque é minha mãe, mas porque quando realmente contou, ela salvou-a.

— Está bem — digo. — Tudo bem. Mas eu não tenho de gostar disso.

Ela anui com a cabeça, sorri novamente, mas a tristeza não lhe desaparece totalmente do rosto.

— Não espero que gostes. Não serias minha filha, se gostasses.

Acho que devia contar-lhe do sonho. Ver se ela acha que é importante, se é mais do que um sonho. Se é uma visão. Do meu propósito possivelmente contínuo.

Mas nesse momento Jeffrey passa pela porta, e obviamente grita:

— O que é o jantar? — Porque a comida é sempre a primeira coisa em que pensa. A mãe responde-lhe, começa numa grande azáfama a preparar-nos uma refeição, e eu fico espantada com a sua capacidade de desligar assim, de fazer parecer que somos quaisquer outros miúdos a chegar a casa

depois do primeiro dia de escola, sem propósitos celestiais definidos para nós, sem anjos caídos a perseguirem-nos, sem pesadelos, e a mãe é como qualquer outra mãe.

Depois do jantar, voo para o *Lazy Dog* para ver Tucker.

Fica surpreendido quando lhe bato à janela.

— Olá, feitoso — digo-lhe. — Posso entrar?

— Claro — diz ele. Beija-me e depois rola rapidamente sobre a cama para fechar a porta. Entro de gatas pela janela e ponho-me em pé, a olhar em redor. Adoro este quarto. É quente e acolhedor, arrumado mas não demasiado; há uma colcha com padrão escocês puxada ao acaso por cima dos lençóis, pilhas de livros da escola, livros de banda-desenhada e revistas de rodeios espalhadas pela secretária, um par de meias de ginástica e uma camisola de capuz enrolada no canto do piso de carvalho ligeiramente empoeirado, a sua coleção de chapéus de cobói alinhados em cima da cómoda, juntamente com alguns soldados verdes e antigos e alguns iscos artificiais. Há uma ferradura ferrugenta pregada acima da porta do armário. É mesmo *à rapaz*.

Ele volta-se para olhar para mim, enquanto coça a nuca.

— Isto não se vai transformar numa daquelas situações assustadoras em que apareces a altas horas da noite para me ver a dormir, pois não? — pergunta ele em tom de brincadeira.

— A cada momento que passo longe de ti, morro um bocadinho — digo em resposta.

— Enão, isso é um sim.

— Estás a queixar-te? — pergunto, levantando uma sobranceira.

Ele faz um sorriso rasgado.

— Ná. Definitivamente, não me estou a queixar. Só queria saber, para poder começar a usar mais do que boxers na cama.

Aquilo faz-me corar.

— Bem, não... hã, não mudes nada por minha causa — balbucio, e ele ri-se e atravessa o quarto para voltar a beijar-me.

Passamos uns minutos muito agradáveis na cama dele. Nada de pesado, já que Tucker ainda tem esta ideia de que tendo eu sangue de anjo nas veias, ele tem de tentar manter a minha honra intacta. Durante bastante tempo, ficamos simplesmente ali deitados, a recuperar o fôlego. Deito a cabeça no peito dele, sentindo o seu coração a bater com força debaixo da minha orelha, e penso pela milésima vez que ele é sem dúvida o melhor rapaz do mundo.

Tucker pega-me numa mão e enrola e desenrola os meus dedos nos dele. Adoro a textura das suas mãos, os calos ao longo das suas palmas, que

são a prova de todo o trabalho duro que fez ao longo da sua vida, do tipo de pessoa que é. Tem umas mãos tão rugosas, mas é sempre tão gentil a usá-las.

— Então — diz ele de repente — algum dia vais contar-me o que aconteceu na noite do incêndio?

Lá se foi o momento.

Acho que já sabia que esta pergunta se aproximava. Talvez estivesse com esperança de que ele não a fizesse. Deixa-me nesta posição péssima, saber os segredos dos outros, principalmente quando esses segredos estão completamente ligados ao meu.

— Eu... — Sento-me, afasto-me dele. Não sei mesmo o que dizer. Tenho as palavras presas na garganta. Deve ser assim que a mãe se sente, penso, ao esconder coisas das pessoas que ama.

— Ei, não faz mal — diz ele, sentando-se ao meu lado. — Eu percebo. São coisas ultrassecretas dos anjos. Não podes contar.

Abano a cabeça. Decido que não sou a minha mãe.

— A Angela está a formar um clube, para sangue-de-anjo — digo para começar, embora saiba que não foi isto que ele me perguntou.

Não era nada disto que ele esperava que eu dissesse.

— A Angela Zerbino é uma sangue-de-anjo.

— Sim.

Ele bufa.

— Bem, acho que isso faz sentido. Essa rapariga sempre teve algo de estranho.

— Ei. Eu sou uma sangue-de-anjo. Estás a dizer que também sou estranha?

— Sim — responde ele. — Mas eu gosto.

— Ah, então está bem. — Inclino-me para o beijar. Depois afasto-me.

— O Christian também é um sangue-de-anjo — digo, tentando ser corajosa e olhá-lo nos olhos enquanto o digo. — Eu só soube na noite do incêndio, mas é. Um *Quartarius*. Como eu.

Tucker arregala os olhos.

— Ah — diz num tom impassível e desvia o olhar. — Como tu.

Durante bastante tempo, nenhum de nós fala. Depois, ele diz:

— Grande coincidência, hã? Aparecerem todos estes sangue-de-anjo em Jackson?

— Foi uma grande surpresa, isso é certo — admito. — Não sei se será coincidência.

Ele engole em seco, e a sua garganta faz um pequeno clique. Consigo ver o quanto está a esforçar-se por se mostrar descontraído, fingir que as coisas dos anjos não o assustam ou o fazem sentir como se estivesse no ca-

minho de algo mais importante do que ele. Apercebo-me de que ele ainda seria capaz de se afastar, se achasse que estava a distrair-me do meu propósito. Já está a fazer a cara da separação. Como fez da outra vez.

— Não sei o que era suposto ter acontecido naquela noite — digo rapidamente. — Mas o incêndio acabou. Vou seguir com a minha vida. — Espero que ele não repare no tom de desespero da minha voz, no quanto quero tornar essas palavras verdadeiras só pelo facto de as dizer. Não quero pensar na possibilidade de o meu propósito durar mais cem anos. — Por isso, agora sou toda tua — digo, e as palavras soam falsas, incrivelmente falsas, aos meus ouvidos. E comecei eu determinada a contar-lhe a verdade.

Só que eu não sei a verdade. Ou talvez não queira saber.

— Certo — diz então ele, embora eu perceba que não tem a certeza se acredita em mim. — Ótimo. Porque eu quero-te só para mim.

Volta a beijar-me. E eu correspondo ao beijo.

Mas a imagem de Christian Prescott, virado de costas para mim na Fox Creek Road, à minha espera, sempre à espera, passa-me pela cabeça subitamente.

Quando chego a casa, Jeffrey está cá fora no quintal, a cortar lenha à chuva. Vê-me e anui com a cabeça, levanta o braço e limpa o suor do lábio superior com a manga. Depois agarra um tronco, volta a levantar o machado, e parte o tronco ao meio com facilidade. Parte mais um. E mais um. A pilha de lenha cortada aos seus pés já é de um tamanho considerável, e não parece que ele vá parar tão cedo.

— Decidiste armazenar para o inverno inteiro? Não podes esperar pela neve? — pergunto. — Sabes que ainda só estamos em setembro.

— A mãe tem frio — diz ele. — Está lá dentro com o pijama de flanela, enrolada em cobertores a beber chá, e está a tremer. Pensei em acender-lhe a lareira.

— Ah — digo eu. — É simpático da tua parte.

— Aconteceu-lhe alguma coisa naquele dia. Com o Asa Negra — diz ele, a experimentar as palavras. Olha para cima, encontra os meus olhos. Às vezes, parece tão novo, como um rapazinho vulnerável. Outras vezes, como agora, parece um homem. Um homem que já viu muita tristeza nesta vida. Como é possível?, pergunto-me. Tem quinze anos.

— Sim — digo, porque tirei a mesma conclusão. — Quer dizer, ele tentou matá-la. Foi uma luta muito dura.

— Ela vai ficar bem?

— Acho que sim. — A glória curou-a. Vi-a a inundá-la como água morna, a tirar-lhe as queimaduras, as feridas das mãos de Samjeeza. Mas

pensar nisso traz de volta a imagem dela pendurada no seu braço, a contorcer-se, a tentar respirar enquanto a mão dele lhe apertava a garganta, os seus pontapés a tornarem-se cada vez mais fracos até ela ficar quieta. Até eu achar que ela estava morta. Os olhos ardem-me perante essa memória e viro-me rapidamente para olhar para a casa, para que Jeffrey não veja as minhas lágrimas.

Jeffrey corta mais um pouco de lenha, e eu recomponho-me. Foi um longo dia. Quero enfiar-me na cama, puxar os cobertores por cima da cabeça e dormir para esquecer tudo isto.

— Ei, onde estavas nesse dia? — pergunto, de repente.

Ele escolhe fazer-se de desentendido.

— Quando?

— No dia do incêndio.

Agarra outro bloco de lenha e coloca-o no suporte.

— Já te disse. Estava nos bosques, à tua procura. Achei que talvez pudesse ajudar.

— Porque será que não acredito nisso?

Ele hesita e o machado atinge o tronco de forma irregular e fica preso. Jeffrey faz um ruído parecido com um rugido e arranca-o.

— Porque não haverias de acreditar em mim? — pergunta.

— Hum, talvez porque te conheço, e estás a agir de forma muito estranha. Então, onde estavas? Deixa-te de tretas.

— Talvez não me conheças tão bem como pensas. — Atira o machado para o chão, depois junta um carregamento de lenha cortada e empurra-me ao passar na direção da casa.

— Jeffrey...

— Não foi nada — diz ele. — Perdi-me. — De repente, parece ser ele quem está prestes a chorar. Entra em casa, e consigo ouvi-lo a oferecer-se para acender a lareira para a mãe. Fico no quintal até os primeiros anéis de fumo saírem do cimo da nossa chaminé. Lembro-me do seu rosto quando saiu a voar do meio das árvores naquela noite, contorcido com medo e algo semelhante a dor. Lembro-me da forma seca como se riu de mim quando lhe disse que salvei Tucker, e de repente estou terrivelmente preocupada com ele, porque o que quer que ele estivesse a fazer ali naquele dia, o meu instinto diz-me que não era bom.

O meu irmão também tem os seus segredos.

4

Estou a Passar-Me

Desta vez, há escadas no sonho. Um lanço de dez ou doze degraus de betão, completo com um corrimão negro, que sobe entre duas faias. Porque haveria escadas no meio da floresta? E onde levarão? Agarro o corrimão. É áspero, com a tinta a descascar e a expor bocados de ferrugem. Os degraus têm musgo à volta. À medida que subo, reparo que estou a usar uns sapatos bonitos, os saltos altos da mãe, pretos e discretos; os que ela me empresta sempre para ocasiões formais.

Vejo Jeffrey à minha frente, entre as árvores. Outros ali esperam também, figuras sombrias no cimo da encosta, pessoas que reconheço: Angela, o senhor Phibbs, Wendy. Parece que estão todos a olhar-me fixamente, e não sei porquê. Olho para trás de relance, e o salto do meu belo sapato fica preso. Desequilíbrio-me nas escadas, quase caio, mas Christian está lá outra vez, com a mão na minha cintura a amparar-me. Por instantes, fitamo-nos um ao outro. O seu corpo irradia uma espécie de calor que me faz querer aproximar dele.

— Obrigada — sussurro, e abro os olhos para ver o teto do meu quarto. Lá fora, um vento gelado e forte continua a agitar as árvores.

— Estás a passar-te — comenta Angela com a boca cheia de salada de feijão-verde. Estamos sentadas numa cabine do *Rendezvous Bistro* de Jackson num sábado à noite, depois de um filme de ação, a comer salada porque é a única coisa que conseguimos pagar neste sítio.

— Estou ótima — digo.

— Não estás nada ótima. Devias ver o teu aspeto.

— Bem, é uma treta, está bem? Só gostava de saber se é um sonho ou outra visão, ou o que é.

Angela anui com a cabeça, pensativa.

— A tua mãe disse que alguns sangue-de-anjo têm as suas visões como sonhos, enquanto dormem, certo?

— Sim, ela disse isso, antes de eu começar a ter as minhas, há muito tempo, quando não se importava de me dar informações úteis. Mas eu sempre tive as minhas visões acordada.

— Também eu — diz Angela.

— Por isso fico a pensar, esta coisa do sonho é real, ou será, tu sabes, o resultado de um mau *chow mein*⁴ que comi ao jantar? É uma mensagem divina ou é o meu subconsciente que está aqui a falar? E de qualquer das formas, o que está a dizer-me?

— Vês, lá estás tu a passar-te — diz ela. — É complicado, C. Nem sequer olhas para o Christian durante o Clube dos Anjos. É como se vocês os dois se evitassem um ao outro à vez. Era capaz de achar hilariante, se não achasse que é tão triste.

— Eu sei — digo. — Estou a tratar disso.

Ela inclina a cabeça para mim, com um ar compreensivo.

— Eu gosto do Tucker, Clara. Gosto mesmo. É um tipo espetacular, isso ninguém discute. Mas já consideraste a hipótese de que não é suposto ficares com ele? Que é suposto ficares com o Christian, que ele é o teu destino, que é suposto voarem juntos em direção ao pôr-do-sol?

— Claro que considerei. — Pouso o garfo, já não tenho fome. O destino consegue mesmo acabar com o apetite. — Nem sei porque é que Ele se interessa, sequer — digo.

— Porque é que se interessa quem? O Tucker? Ou o Christian?

— Deus.

Ela ri-se.

— Bem, esse é o grande mistério, não é?

— Quer dizer, tenho dezassete anos. Porque é que Ele quer saber quem eu...

— Amas — acrescenta ela quando eu não termino a frase. — Quem tu amas.

Ficamos caladas enquanto o empregado de mesa volta a encher-nos os copos.

— Seja como for, devias escrever estas coisas do sonho — diz ela. — Porque pode ser importante. Procura variações, como fizeste com a tua vi-

⁴ Prato chinês constituído essencialmente por massa frita; os restantes ingredientes são variáveis. (N. da T.)

são. Devias perguntar também ao Christian sobre isso, porque quem sabe ele não está a ter o mesmo sonho e, se estiver, podem tentar percebê-lo juntos.

Não é uma ideia assim tão má. Tirando que eu não adoro propriamente a ideia de contar ao Christian que tenho andado a sonhar com ele.

— O que diz a tua mãe? — pergunta Angela, enquanto morde um palito de pão.

— Não lhe contei.

Ela olha-me como se eu tivesse acabado de lhe dizer que estava a pensar em experimentar heroína.

— Porque haveria de o fazer? Ela nunca me conta nada. Mesmo se lhe contasse, tenho a certeza que só me enterraria em frases feitas acerca de eu confiar nos meus sentimentos e ouvir o meu coração ou alguma treta dessas. Além disso, não sabemos se isto significa alguma coisa — digo. — Provavelmente, é só um sonho. As pessoas têm sonhos recorrentes constantemente.

— Se o dizes — diz ela.

— Agora, podemos falar de outra coisa qualquer?

E é o que fazemos. Falamos sobre a chuva, que Angela concorda ser excessiva. Falamos sobre a *Spirit Week*⁵ na escola e se seria justo ou não que usássemos os nossos dons especiais para ganhar o jogo *Powderpuff*⁶ na quarta-feira. Ela conta-me sobre um livro antigo que encontrou em Itália este verão, que parece ser uma espécie de registo dos sangue-de-anjo durante o século dezassete.

— É tipo um grupo deles — diz-me ela. — “*Congregarium celestial*”, literalmente como uma manada de sangue-de-anjo. Um bando. Na verdade, foi onde fui buscar a ideia para formar o Clube dos Anjos.

— Aconteceu mais alguma coisa interessante em Itália? — pergunto-lhe. — Com, digamos, um namorado italiano giro do qual vais agora contar-me tudo?

As suas bochechas ficam instantaneamente rosadas. Abana a cabeça, subitamente muito interessada na sua salada.

— Não tenho namorado. Italiano ou não.

— Hum-hum.

— Foi uma parvoíce — diz ela — e não quero falar sobre isso. Eu não te atormento por causa do Christian, e tu não falas sobre o meu namorado italiano que não existe, está bem?

⁵ Semana de eventos (incluindo um baile e jogos de futebol americano) realizada nas escolas americanas para aumentar o espírito académico. (N. da T.)

⁶ Termo utilizado nos Estados Unidos para definir um desporto habitualmente masculino que será praticado por raparigas. (N. da T.)

— Já me atormentaste por causa do Christian. Isso não é lá muito justo — digo. Mas há uma dor genuína nos seus olhos; o que me surpreende, por isso deixo cair o assunto.

A minha mente vagueia de novo para o sonho, para Christian; para a forma como ele está sempre a olhar por mim, a amparar-me, a manter-me de pé. Talvez se tenha tornado o meu guardião. Alguém que está lá para me manter no caminho certo.

Se ao menos eu soubesse onde leva esse caminho.

Estamos no parque de estacionamento quando a tristeza me atinge. Pelo menos, acho que é tristeza. Não é tão avassaladora como foi naquele dia, na floresta. Não me paralisa da mesma forma. Em vez disso, é como se de repente, no espaço de poucos minutos, passasse de estar bem, a rir-me até, para ter vontade de chorar.

— Ei, estás bem? — pergunta Angela enquanto caminhamos para o carro.

— Não — sussurro. — Sinto-me... triste.

Ela para. Arregala os olhos como discos voadores. Olha em redor.

— Onde? — diz demasiado alto. — Onde está ele?

— Não sei — digo. — Não consigo perceber.

Agarra-me a mão e puxa-me pelo parque de estacionamento em direção ao carro, caminhando depressa mas tentando manter a compostura, como se não houvesse nada de errado. Não me pergunta se pode conduzir o meu carro; vai direita ao lugar do condutor, e eu não discuto.

— Põe o cinto — ordena-me assim que estamos as duas dentro do carro. Depois acelera para fora do parque de estacionamento, em direção à rua. — Não sei para onde ir — diz ela num frenesim meio aterrorizado, meio entusiasmado. — Acho que devíamos ficar algures num sítio cheio de pessoas, porque ele teria de ser louco para nos exterminar à frente de um monte de turistas, sabes, mas não quero ir para demasiado perto de casa. — Verifica rapidamente os espelhos. — Liga à tua mãe. Já.

Vasculho a minha bolsa à procura do telemóvel e depois telefono. A mãe atende ao primeiro toque.

— O que se passa? — pergunta imediatamente.

— Acho que... talvez... haja um Asa Negra.

— Onde estás?

— No carro, na 191, a ir para sul.

— Vai para a escola — diz ela. — Encontramo-nos lá.

...

São os cinco minutos mais longos da minha vida, até que a mãe aterra no parque de estacionamento da Escola Secundária de Jackson Hole. Entra para o banco de trás.

— Então — diz ela, esticando-se e tocando-me na bochecha como se a tristeza fosse algum tipo de febre — como te sentes?

— Agora, estou melhor. Acho eu.

— Viste-o?

— Não.

A mãe vira-se para a Angela.

— E tu? Sentiste alguma coisa?

Angela encolhe os ombros.

— Nada. — Há uma certa desilusão na sua voz.

— Então, o que fazemos agora? — pergunto.

— Esperamos — diz a mãe.

Então, esperamos, esperamos e esperamos mais um pouco, mas nada acontece. Ficamos sentadas no carro em silêncio, a observar os limpa-para-brisas a empurrar a chuva para fora do vidro. De vez em quando, a mãe pergunta-me como estou, o que é difícil de responder de forma clara. De início, o que sinto acima de tudo é pavor de que a qualquer segundo Samjeeza apareça e nos mate a todas. Depois reduzo para apenas assustada — com medo que agora tenhamos de fugir, fazer as malas e deixar Jackson, e que nunca mais volte a ver Tucker. Finalmente, chego ao estado de ligeiramente passada. Depois, envergonhada.

— Talvez não tivesse sido tristeza — admito. — Não foi tão forte como da outra vez.

— Ficaria surpreendida se ele viesse atrás de nós tão cedo — diz a mãe.

— Porquê? — pergunta Angela.

— Porque o Samjeeza é vaidoso — diz a mãe sem rodeios. — A Clara arrancou-lhe a orelha, queimou-lhe o braço e a cabeça, e não me parece que ele queira mostrar a cara até estar curado, o que é um longo processo para os Asas Negras.

— Pensava que conseguiam curar-se rapidamente — diz Angela. — Sabem, como os vampiros ou algo do género.

A mãe escarnece.

— Vampiros. Por favor. Os Asas Negras precisam de muito tempo para se curar porque escolheram desligar-se das forças curativas que há neste mundo. — Volta a tocar-me na bochecha. — Fizeste a coisa certa, ao sair dali e ligar-me. Mesmo que não fosse um Asa Negra. Mais vale prevenir do que remediar.

Angela suspira e olha pela janela.

— Desculpa — digo. Viro-me para a mãe. — Acho que ando um pouco tensa.

— Não peças desculpa — diz ela. — Passaste por muita coisa.

Ela e Angela trocam de lugar. Depois, a mãe arranca do parque de estacionamento da escola, saindo para a estrada, dirigindo-se de volta para a cidade.

— O que sentes? — pergunta enquanto passamos pelo restaurante.

— Nada — digo, encolhendo os ombros. — Tirando que acho que estou a ficar maluca.

— Não importa se este é ou não um falso alarme. O Samjeeza há de vir atrás de nós, Clara, mais cedo ou mais tarde. Terás de estar pronta.

Pois.

— Como é que alguém se prepara para ser atacado por um Asa Negra, exatamente? — pergunto com sarcasmo.

— Glória — diz ela, o que faz com que imediatamente Angela faça a cara de “eu bem te disse”. — Aprendes a usar a glória.

— Ei, acho que vejo uma faísca — diz Christian, assustando-me. — Estás a conseguir.

Abro os olhos bruscamente. Christian não estava aqui antes, quando subi para o palco e comecei a experimentar esta coisa de evocar a glória, mas aqui está ele agora, sentado a uma das mesas lá em baixo no público do *Pink Garter*, a olhar para mim divertido, como se estivesse a assistir a um espetáculo. Por um milésimo de segundo, os nossos olhares encontram-se e depois eu olho para baixo, para a minha mão, que definitivamente não está a brilhar. Nada de glória.

Claramente, sou péssima a evocar a glória, a não ser que seja uma situação de vida ou morte.

— Qual faísca? — pergunto.

Um dos cantos da sua boca levanta-se.

— Deve ter sido imaginação minha.

Hum-hum. Inserir mais um dos típicos silêncios constrangedores entre o Christian e a Clara. Depois, tosse e diz:

— Desculpa ter interrompido o teu treino de glória. Continua.

Devia fechar os olhos e voltar a tentar, mas sei que não vale a pena. Nem pensar que vou atingir a glória com ele a observar-me.

— Meu Deus, isto é frustrante! — exclama Angela. Fecha o portátil com força e empurra-o para o outro lado da mesa, soltando um suspiro profundo e irritado. Tem estado a pesquisar *sites* de faculdades, a tentar descobrir para qual faculdade é suposto ela ir, o que para a maioria das pessoas é bastante importante, mas para a Angela é importantíssimo, é o mais importante de tudo, visto que ela acha que é o campus de uma faculdade, o que tem visto nas suas visões. Isso é que é pressão.

— Não encontraste aquele texto antigo que querias, no *eBay*? — pergunta Christian.

Ela fulmina-o com o olhar.

— Engraçadinho.

— Lamento, Ange — digo. — Posso ajudar?

— A visão não me dá muito para avançar. Há um lanço de degraus largos, um monte de arcadas de pedra e pessoas a tomar café. Isso descreve praticamente qualquer faculdade do país.

— Procura árvores — digo-lhe. — Tenho um bom livro, se estiveres a tentar identificar em que área cresce uma certa árvore.

— Bem, espero encontrar algo decente para continuar, em breve — murmura Angela. — Tenho de me candidatar, sabes? Tipo, já.

— Não te preocupes — diz Christian com indiferença. Olha de relance para o seu caderno, onde acho que está a fazer o trabalho de casa de Cálculo. — Vais perceber quando for suposto perceberes. — Depois olha para cima e os seus olhos captam os meus novamente.

— Tu percebeste? — Não consigo evitar perguntar, embora saiba a resposta. — Percebeste tudo quando era suposto?

— Não — admite, com um riso curto e quase amargo. — Não sei porque disse isso. Acho que já está enraizado em mim. É o que o meu tio me diz sempre.

Christian não tem falado muito sobre o seu tio. Ou sobre o seu propósito, tirando a conversa inicial: “Andava a ter visões de ti no incêndio florestal, pensei que era suposto salvar-te, e agora estou confuso”. Uma vez, mostrou-nos que conseguia voar sem bater as asas, ao estilo do Super-Homem, a pairar sobre o palco como David Blaine enquanto Angela, Jeffrey e eu olhávamos para ele de boca aberta, como idiotas. De vez em quando, revela à Angela algum facto ao acaso sobre anjos, para que ela fique satisfeita com o seu contributo para o grupo. Ele parece saber mais do que nós, mas tem estado quase sempre calado.

— Então — diz Angela, e a sua expressão deixa-me nervosa. Levanta-se e passa para o outro lado, para se colocar junto à mesa de Christian. — O que acontece agora?

— O que queres dizer? — pergunta ele.

— Ainda não cumpriste o teu propósito, certo?

Ele olha-a fixamente.

— Pronto — diz ela, uma vez que ele não responde. — Pelo menos, responde-me a isto: quando tiveste a tua visão, veio de dia ou de noite?

Christian olha para as sombras na parte de trás do palco por um minuto, a decidir a sua resposta, e depois olha novamente para ela.

— De noite.

— Sonhaste com ela?

— Normalmente. Tirando uma vez, que estava acordado.

O baile de finalistas. Quando dançámos e depois tivemos a visão em conjunto.

— Bem, a Clara anda a ter um novo sonho — diz Angela. Lanço-lhe o meu olhar mais furioso, espero eu, mas claro que ela o ignora. — Talvez seja uma visão. Temos de descobrir o que é.

Christian olha para mim, imediatamente interessado. Estou literalmente na ribalta, por isso deço do palco com um salto e caminho até eles, sentindo o olhar dele a seguir-me.

— Qual visão? — pergunta-me Christian.

— Pode ser só um sonho — responde Angela por mim. — Mas Clara, já o tiveste umas dez vezes?

— Sete. Estou a subir uma colina — explico — no meio de uma floresta, mas não é como a colina na minha — na nossa visão. É um dia de sol, sem fogos. O Jeffrey está lá, e por alguma razão está de fato. A Angela está lá — pelo menos, estava, da última vez que tive o sonho. E também estão mais algumas pessoas... — Hesito. — E tu estás lá — digo a Christian.

Não lhe posso contar que ele me dá a mão, que sussurra diretamente dentro da minha mente, sem dizer nada em voz alta.

— Provavelmente, é só um sonho, sabes? — consigo dizer. — Como o meu subconsciente a tentar perceber alguma coisa, os meus medos talvez, ou como aqueles sonhos em que vamos para a escola nus.

— Como é a floresta? — pergunta ele.

— Essa é a parte estranha. É uma floresta normal, mas há umas escadas — uma escadaria de betão no meio das árvores. E uma vedação.

— E tu, tens tido sonhos estranhos? — pergunta Angela. — Alguma pista para acrescentar a toda esta loucura?

O Christian finalmente desvia o olhar do meu para olhar para ela.

— Nada de sonhos.

— Bem, pessoalmente acho que é mais do que um sonho — diz ela. — Porque ainda não acabou.

— O quê?

— O teu propósito. É impossível passares por tudo isso, as visões, os incêndios e tudo o resto, e de repente acaba. Nem pensar. Tem de haver mais.

A minha empatia escolhe este momento para entrar em ação, e recebo uma forte dose do que Christian está a sentir: resolução. Determinação. Um desejo por baixo de tudo isso que me faz sustar a respiração. E certeza. Certeza pura e absoluta. De que Angela tem razão. Que ainda há mais para vir.

...

Nessa noite, quando entro no meu quarto, há alguém de pé no beiral do telhado, do lado de fora da minha janela. Num milésimo de segundo todas as tretas da minha mãe sobre Samjeeza estar ferido e ser vaidoso e esperar para vir atrás de nós parecem exatamente isso — tretas — e penso que é ele, que era *mesmo* a sua tristeza que senti no outro dia, eu sabia, e o meu coração entra no modo de pânico tresloucado e o meu sangue começa a correr e eu olho em redor do meu quarto desenfreadamente, à procura de uma arma. O que é ridículo porque a) não tenho armas, mas sim as coisas normais de uma adolescente no meu quarto, e b) mesmo que eu encontrasse algo para além de uma lima de unhas para me defender, que arma resulta num Asa Negra? Glória, penso eu, tenho de evocar a glória, mas depois também penso: espera. Porque é que ele está simplesmente ali parado? Porque é que ele ainda não começou com as deixas pirosas de “Vou matar-te, pequena ave”?

Apercebo-me então de que não é Samjeeza. É Christian. Consigo sentir a sua presença clara como a luz do dia, agora que acalmei o suficiente para pensar direito. Veio dizer-me alguma coisa. Algo importante.

Suspiro, visto uma camisola e abro a janela.

— Ei — chamo.

Ele olha, lá de cima do seu lugar na beira do telhado, um lugar que tem uma vista perfeita para as montanhas salpicadas de neve, que ainda brilham com um tom branco esbatido no escuro. Saio pela janela e sento-me ao seu lado. Está um gelo lá fora, cai uma chuva fina, gelada e miserável. Ponho imediatamente os braços à volta de mim própria e tento não tremer.

— Frio? — pergunta ele.

Anuo com a cabeça.

— Tu não tens? — Está a usar uma t-shirt preta e os seus habituais jeans *Seven*, desta vez cinzentos. Detesto conseguir reconhecer a roupa dele.

Ele encolhe os ombros.

— Um pouco.

— A Angela diz que é suposto os sangue-de-anjo serem imunes ao frio. Ajuda com os voos a grande altitude, acho eu. — Volto a estremecer. — Não devo ter recebido o memorando.

Ele sorri.

— Talvez esse poder só se aplique a sangue-de-anjo maduros.

— Ei, estás a chamar-me imatura?

— Oh, não — diz ele, com o seu sorriso a abrir-se totalmente. — Não me atrevera.

— Ótimo. Porque não sou eu que ando a espreitar à janela dos outros.

— Eu não estava a espreitar — protesta ele.

Pois sim. É alguma coisa importante.

— Sabes, há uma nova invenção fantástica — digo a gozar. — Chama-se telemóvel.

— Claro, porque eu e tu temos fantásticas conversas íntimas por telefone — dispara ele.

Faz-se silêncio por um segundo e depois ambos começamos a rir-nos. Ele tem razão. Não sei porque é mais fácil aqui, mas é. Aqui, podemos finalmente falar. É um verdadeiro milagre.

Ele vira-se para mim, o seu joelho roça o meu. À luz ténue da minha janela, os seus olhos são de um verde-escuro profundo.

Diz:

— No teu sonho, a vedação de que falaste, é uma grade de metal, à direita de quem sobe a colina.

— Sim, como é que tu...

— E as escadas que vês têm musgo a crescer nas bordas, e um corrimão para te segurares, de metal, pintado de preto?

Olho-o fixamente.

— Certo.

— Do lado esquerdo, atrás das árvores, há um banco de pedra — continua ele. — E uma roseira, plantada ao seu lado. Mas as rosas nunca desabrocham — lá em cima, o tempo é demasiado frio para as rosas.

Desvia o olhar por um minuto. Uma súbita rajada de vento agita-lhe o cabelo, e ele afasta-o dos olhos.

— Também andas a ter esse sonho? — sussurro.

— Não é como o teu. Quer dizer, sonho com esse lugar constantemente, mas... — Suspira, mexe-se com desconforto e depois olha para mim.

— Não estou habituado a falar disto — diz ele. — Tornei-me praticamente um profissional a não falar disto.

— Não faz mal...

— Não, quero contar-te. Devias saber isto. Mas não queria contar-te à frente da Angela.

Puxo a camisola até ao queixo e cruzo os braços sobre o peito.

— A minha mãe morreu — diz ele finalmente. — Quando eu tinha dez anos. Nem sequer sei como aconteceu. O meu tio não gosta de falar sobre isso, mas acho... Acho que ela foi morta por um Asa Negra. Num dia ela estava ali, a fazer cartões com apontamentos de matemática comigo ao pequeno-almoço, a levar-me à escola, a dar-me beijos de despedida à frente dos outros rapazes da escola e a envergonhar-me... — A sua voz vacila. Para, desvia o olhar e aclara ligeiramente a garganta. — No minuto seguinte, estão a tirar-me de uma aula. Dizem que houve um acidente. E ela tinha

desaparecido. Quer dizer, acabaram por me deixar ver o corpo. Mas ela não estava ali dentro. Era apenas... um corpo.

Então, olha para mim com os olhos a brilhar.

— A sepultura dela é um banco. Um banco de pedra branco, debaixo das faias.

Subitamente, fico com a cabeça toldada.

— O quê?

— É o cemitério de Aspen Hill — diz ele. — Não é um cemitério verdadeiro — bem, é um cemitério verdadeiro, com sepulturas e flores e coisas assim, mas também é como se fizesse parte da floresta; é um lugar lindo no meio das árvores, onde se está sossegado e se consegue ver as Tetons à distância. É provavelmente o lugar mais pacífico que conheço. Às vezes, vou lá para pensar, e...

E falar com a sua mãe. Vai lá para falar com a mãe.

— Por isso, quando disseste aquilo sobre as escadas, e a encosta e a vedação, eu soube — diz baixinho.

— Soubeste que estava a sonhar com o cemitério — digo.

— Lamento — sussurra ele.

Olho para ele, contendo o choro, juntando todas as peças: as pessoas de fato e eu de vestido preto, todos a caminhar na mesma direção, a dor que sinto, a forma como toda a gente me olha com um ar tão solene, o conforto que Christian tenta oferecer-me. Tudo faz sentido.

Não é a tristeza de um Asa Negra que estou a sentir no sonho. É a minha. Alguém que amo vai morrer.

5

Encontrem-Me um Sonho

 — Clara? Ainda estás connosco?
A mãe bate-me no ombro. Pestanejo por um segundo e depois sorrio para a Menina Baxter, a orientadora da escola. Ela sorri-me também.

— Então, o que acha? — pergunta ela. — Tem alguma ideia sobre a direção que quer seguir, alguma visão sobre o seu futuro?

Os meus olhos viram-se rapidamente para a mãe. Visões tenho eu, sem dúvida.

— Quer dizer, em relação à faculdade? — pergunto à Menina Baxter.

— Bem, sim, a educação é uma parte muito importante do futuro, e queremos encorajar todos os nossos alunos a frequentar a faculdade, claro, especialmente uma jovem inteligente e claramente dotada como a menina. Mas cada pessoa tem o seu próprio caminho especial, quer isso leve à faculdade ou não.

Olho para baixo, para as minhas mãos.

— Não sei realmente o que quero fazer, em termos de carreira.

Ela anui com a cabeça, um aceno exageradamente encorajador.

— É perfeitamente normal. Muitos alunos não sabem, nesta altura. Já deu uma vista de olhos, visitou faculdades ou *sites* de universidades?

— Não muito — ou nada, sequer.

— Penso que seria uma boa forma de começar — diz a Menina Baxter.

— Porque não vê algumas das brochuras que afixei lá fora e faz uma lista de cinco faculdades que a atraem e porquê. Depois, posso ajudá-la a começar com as candidaturas.

— Muito obrigada. — A mãe levanta-se e aperta a mão da Menina Baxter.

— Tem aqui uma menina muito especial — diz a Menina Baxter. Eu tento não revirar os olhos. — Sei que ela fará algo extraordinário com a sua vida.

Anuo com a cabeça, constrangida, e saímos dali.

— Mas ela tem razão, sabes? Apesar das deixas pirosas — diz a mãe enquanto saímos para o parque de estacionamento. — Vais fazer coisas extraordinárias.

— Claro — respondo. Quero acreditar nela, mas não acredito. Tudo o que vejo quando analiso a minha vida atualmente é um propósito estragado e um futuro não-tão-distante em que alguém que é importante para mim vai morrer.

— Queres conduzir? — pergunto-lhe, para mudar de assunto.

— Não, conduz tu. — Ela vasculha a sua mala à procura dos seus enormes óculos de sol ao estilo de Audrey Hepburn que, conjugados com o lenço que enrolou à volta da cabeça e a sua gabardina comprida e elegante, a fazem parecer uma estrela de cinema.

— Então, o que se passa? — pergunta ela. — Parece-me que há algo a incomodar-te, algo mais do que as coisas da faculdade. Que vão resolver-se por si mesmas, Clara, não te preocupes.

Detesto quando ela me diz para não me preocupar. Normalmente, é quando tenho uma razão mesmo muito boa para me preocupar. Parece que é tudo o que posso fazer agora: preocupar-me em saber de quem é a sepultura que vou visitar nesta nova visão, preocupar-me se seja quem for que morreu foi por causa de algo que fiz ou tenho de fazer, preocupar-me se os ataques de tristeza que tenho tido ultimamente significam que Samjeeza anda por aí à espera do momento perfeito para matar alguém que amo.

— Não é nada de importante — digo.

Entramos no carro. Enfio a chave na ignição. Mas depois, paro.

— Mãe, o que aconteceu entre ti e o Samjeeza?

Ela não parece sequer perturbada pela minha pergunta, o que me surpreende. Depois responde, o que me choca ainda mais.

— Foi há muito tempo — diz ela. — Ele e eu éramos... amigos.

— Eras amiga de um Asa Negra.

— Ao início, não sabia que ele era um Asa Negra. Pensei que era um anjo normal.

Não consigo imaginar alguém a confundir Samjeeza com um anjo normal.

Não é que eu já tenha conhecido algum anjo normal.

— Certo. És amiga de muitos anjos? — pergunto num tom sarcástico.

— Alguns.

— Alguns — repito. Como é que ela pode continuar a baralhar-me desta maneira? Quer dizer, a sério — conhece *alguns* anjos?

— Não muitos.

— A Angela acha que o Samjeeza é uma espécie de líder — digo-lhe.

— Ah — diz a mãe, anuindo com a cabeça. — *O Livro de Enoch*?

— Sim.

— Essa parte é verdade. Era o líder dos Sentinelas, há muito tempo.

Uau. Ela está mesmo a contar-me isto.

— E o que fazem os Sentinelas, exatamente? — pergunto. — Tirando, presumo, vigiar as coisas.

— Os Sentinelas desistiram do Céu para poderem estar com humanas — diz ela.

— Calculo que Deus não curta a ideia de anjos a engatarem humanas.

— Não é que Deus não goste — explica ela. — É que os anjos não vivem no tempo linear como tu e eu, o que torna praticamente impossível terem uma relação com uma humana, visto que isso exigiria que o anjo ficasse preso na mesma época durante um período constante.

Ah. Outra vez a história do tempo.

— Para nós é difícil compreender totalmente como vivem, ao moverem-se entre os diferentes planos da existência, através do tempo e do espaço. Os anjos não ficam simplesmente sentados nas nuvens a olhar para nós. Estão constantemente a trabalhar.

— Casam com o emprego, há? — digo num tom sarcástico.

Um vislumbre de um sorriso perpassa-lhe o rosto.

— Exatamente.

— E os Sentinelas fizeram o quê? Despediram-se?

— Sim. E o Samjeeza foi o primeiro a dar o seu aviso de duas semanas, digamos assim.

— E depois, o que aconteceu?

— Os Sentinelas casaram com humanas, tiveram filhos, e durante algum tempo, estava tudo bem. Imagino que tenham sentido alguma tristeza por estarem longe do Céu, mas era tolerável. Estavam felizes. Mas o seu lugar nunca foi realmente a Terra, e os seus filhos viviam durante muito tempo e não paravam de se multiplicar, até haver mais *Nephilim* do que humanos na Terra. O que se tornou um problema.

Penso na história da Angela, de *O Livro de Enoch*.

— Por isso, Deus mandou o dilúvio — deduzo.

— Sim — diz ela. — E o Samjeeza... — Para. Pensa no quanto deve contar-me. — O Samjeeza não conseguiu salvar a sua família. Os seus filhos, netos e bisnetos, todos eles se afogaram.

Não admira que o tipo esteja chateado.

— Foi quando os Sentinelas se juntaram aos outros Asas Negras e declararam guerra contra o Céu — diz ela.

— Os outros Asas Negras?

— Satanás e o seu gangue.

Rio-me da ideia de Satanás ter uma comitiva, mesmo sabendo que não tem piada.

— Combatem a soberania de Deus e tentam arruinar os planos do Céu sempre que conseguem — explica ela. — Mas o seu desejo não deriva da tristeza, é apenas o mal puro, contrariam para seu próprio proveito.

— Hum-hum. Como sabes tudo isto? — pergunto-lhe.

— O Sam contou-me.

— Porque eram amigos.

— Sim — diz ela. — Em tempos.

Ainda não consegui perceber essa.

— Ele está apaixonado por ti, sabes? — acrescento, só para ver a reação dela.

Ela amacia o lenço contra o cabelo.

— Como é que sabes?

— Quando ele me tocou, consegui senti-lo a pensar em ti. Bem, primeiro estava a pensar em mim. Mas depois de apareceres, ficou completamente distraído contigo. Eu vi-te na mente dele. Estavas diferente. Tinhas o cabelo castanho, curto e — detenho-me antes de mencionar o cigarro — muito batom. Definitivamente, ele é obcecado por ti e pelo teu batom.

Ela levanta a mão como se quisesse tocar o pescoço na zona, onde, se fosse uma pessoa normal, ainda haveria pisaduras de Samjeeza a ter estranulado.

— Sorte a minha — diz ela.

Estremeço, ao lembrar-me da sensação das suas mãos frias a mexerem-se por baixo da minha blusa.

— Se não tivesses aparecido quando apareceste, ele teria... — Não consigo terminar a frase.

Ela franze o sobrolho.

— A violação não é o estilo de um Asa Negra. Preferem a sedução. Querem conquistar-nos para o lado deles.

— E a mãe da Angela? — refiro. — Ela foi violada.

— Sim, pelo que ela diz.

— Achas que não é verdade?

— Não sei. Não estava lá.

— Bem, eu acho que o Samjeeza estava a planear fazê-lo comigo — digo-lhe. — Ele não tentou propriamente cativar-me.

— Ele estava a comportar-se de forma estranha naquele dia — diz ela.
— A forma como falava, cheio de melodrama e clichés, como se estivesse a representar. Não era o género dele. Era como se estivesse a tentar provar alguma coisa.

— Mas não havia mais ninguém a vê-lo, tirando nós.

— Havia alguém — diz ela num tom críptico. — Há sempre alguém.

Ah. Acho que ela está a referir-se a Deus. Sempre a ver. Engulo em seco. A sua boca contorce-se e forma uma linha de preocupação.

— Lamento que tenhas tido de passar por isso.

— Também eu.

— Seja como for — diz ela, como se estivesse aliviada por mudar de assunto. — Achei que podíamos ir à cidade comer um gelado, talvez fazer umas compras.

— Não posso — digo-lhe. — Combinei ir à pesca com o Tucker esta tarde.

Ela tenta esconder a sua desilusão.

— Ah.

— Quase não tive hipótese de o ver ultimamente, porque ele arranhou emprego na *Flat Creek Saddle Shop* e tem trabalhado muitas horas...

— Não, eu entendo — diz ela. — Devias estar com ele.

Pergunto-me se ela ainda se importa com Tucker, sequer. Se ainda desaprova.

— Talvez possamos fazer alguma coisa este fim de semana?

— Claro — concorda ela. — Eu ia adorar.

— Está bem.

Então, não há mais nada a fazer a não ser girar a chave na ignição, meter a primeira e conduzir para casa.

Há algo de mágico na forma como a minha cabeça encaixa na curva do pescoço de Tucker. Fico ali deitada, aspiro o seu aroma, que é uma mistura encantadora de terra, feno e da sua própria marca de cheiro a homem e *aftershave*, um toque de inseticida ali misturado, e por um minuto todas as minhas preocupações desaparecem. É só ele e eu, a calmaria da água a embalar gentilmente o barco, as partículas de pó a flutuarem no ar quente. Não sei como é o Céu, tirando a sensação de claridade que a mãe uma vez me descreveu, mas se pudesse escolher o meu Céu, seria este. No lago, com Tucker. Aceito os mosquitos e tudo.

— Precisava tanto disto — digo, o que sai quase como um bocejo.

Sinto-o a sorrir contra o meu cabelo.

— Eu também. O teu cabelo cheira a vento, sabias disso?

Pois, eu e Tucker, a cheirarmo-nos um ao outro.

Inclino a cabeça para cima, para o beijar. Começa como algo doce, lento e preguiçoso como o sol da tarde, mas rapidamente aquece. Afastamo-nos por um segundo e a nossa respiração mistura-se, e eu viro-me até ficar praticamente deitada em cima dele, com as nossas pernas entrelaçadas. Ele levanta a mão para me agarrar a cabeça e beija-me novamente; depois, faz um meio gemido, meio riso que me deixa louca e baixa a mão para a minha anca e puxa-me mais para si. Deslizo os dedos por baixo da gola da sua camisa, ao longo da largura sólida do seu peito, onde sinto a batida forte do seu coração. Amo-o, penso. Nesse momento, sei que se tentasse, conseguiria a glória.

Ele afasta-se.

— Pronto — arqueja.

— Ainda achas que és atingido por um raio se nós... tu sabes? — brinco, arqueando uma sobrancelha ao olhar para ele e cravando-lhe o meu olhar mais sedutor (acho eu).

Ele lança-me uma espécie de sorriso torturado e confuso.

— Quando era miúdo, a minha mãe dizia-me que se eu tivesse sexo antes de casar, o meu... material ficava preto e caía.

Aquilo arranca-me uma gargalhada de surpresa.

— A sério?

— Sim, e eu acreditava nela.

— Então, não vais ter sexo antes de casar? E se não casares antes dos trinta?

Ele suspira.

— Não sei. Simplesmente, amo-te. Não quero estragar nada.

Isto para mim não faz sentido, mas anuo com a cabeça.

— Então, vamos portar-nos bem.

— Certo.

— Porque tens medo.

— Ei!

— Pronto — digo, com um suspiro. — Mesmo que não seja muito divertido.

Ele assusta-me, virando-me ao contrário, empurrando-me gentilmente, novamente contra o cobertor no fundo do barco.

— Não achas isto divertido? — desafia-me, e depois beija-me até eu me derreter toda por dentro e ficar com a cabeça completamente a andar à roda.

Muito, *muito* mais tarde, chegamos a tentar pescar. Descubro que continuo a ser péssima nisto. E continuo a gostar de ser péssima nisto. E Tucker continua a ser uma espécie de encantador de peixes.

— Pronto — diz ele suavemente enquanto retira com cuidado o anzol do lábio de uma truta de Clark brilhante. — Para a próxima, sê mais esperta.

Baixa-a, colocando-a de volta na água, onde esta sai disparada, num lampejo verde e prateado. Tucker olha para mim e faz um sorriso malicioso.

— Queres curtir comigo agora? — pergunta, levantando as mãos sujas de peixe.

— Hum, é tentador, mas não — respondo rapidamente. — Acho que devíamos portar-nos bem, não achas?

— Isso é muito engraçado — diz ele, e depois começa a recolher a linha de pesca — ... tem mesmo *muuuu*ta piada. — Uma nuvem tapa o Sol, e de repente fica mais frio. Mais silencioso. Até os pássaros param de cantar. Um arrepio atravessa-me.

— Queres a minha camisa? — pergunta Tucker, sempre um cavalheiro.

— Estou bem. Estou a tentar tornar-me imune ao frio.

Ele ri-se.

— Boa sorte com isso. Provavelmente não teremos muitos mais dias como este, suficientemente quentes para pescar aqui. — Põe um isco na linha e volta a lançar. Quase de imediato, tem um peixe a morder. O mesmo peixe.

— Tu mereces estar num prato de jantar — diz ele à truta de Clark, mas mesmo assim volta a soltá-la. — Vai! Encontra o teu destino. Afasta-te das coisas brilhantes em forma de anzol.

Por alguma razão estranha, isto lembra-me a minha conversa com a orientadora escolar.

— Então, todo este trabalho que tens feito ultimamente... — começo.

— Não me lembres.

— É para comprar um novo cavalo?

— E uma nova carrinha, mais cedo ou mais tarde, e por nova quero dizer usada, e por usada quero dizer a dar as últimas, visto que é a única coisa que vou conseguir arranjar.

— Não estás a poupar para a faculdade? — pergunto.

Má pergunta. Os seus olhos mantêm-se concentrados na sua cana de pesca, que Tucker rapidamente solta e desmonta.

— Ná — diz com uma descontração forçada. — Depois de acabar a escola, fico no rancho. O pai magoou o joelho esta primavera, e não podemos contratar mais ajuda, por isso pensei ficar por lá.

— Ah — é a única coisa que consigo responder àquilo. — Tiveste de ir visitar a Menina Baxter?

— Sim — diz ele com um tom de escárnio. — Ela esteve a preparar-me

para umas entrevistas com a Northern Arizona University⁷ na próxima semana. Acho que provavelmente vou para a faculdade daqui a um ano ou dois, porque é o que esperam de mim.

— O que irias estudar? Na faculdade, se fores?

— Agricultura, provavelmente. Talvez silvicultura — diz ele, esfregando a nuca.

— Silvicultura?

— Para ser guarda-florestal.

Imagino-o com o uniforme verde, de guarda-florestal, a usar um daqueles chapéus como o Urso Smokey⁸. O que é extremamente sensual.

— Ei, está a ficar tarde. Pronta para regressar? — pergunta ele.

— Claro. — Enrolo a minha linha e enfio a minha cana no fundo do barco, juntamente com a de Tucker. Ele liga o motor, e em poucos minutos estamos a deslizar sobre a água, em direção à doca. Nenhum de nós diz nada, mas subitamente ele suspira. Ablanda o barco para uma velocidade muito lenta e depois faz-nos parar. Estamos mesmo no meio do lago, com o motor em ponto-morto, o Sol a afundar-se por trás das montanhas.

— Não quero ir embora — diz ele, um minuto depois.

Olho para ele, assustada.

— Não queres ir embora?

Ele aponta em redor, para as gigantescas montanhas azuis atrás de nós, a garça-real cinzenta a rasar a água, o brilho do Sol que se põe sobre o lago.

— Isto é tudo para mim. É isto que quero.

Apercebo-me de que ele não está a falar sobre hoje, o lago, este momento. Está a falar do seu futuro.

— Posso ir para a faculdade, mas vou acabar aqui outra vez — diz ele.

— Vou viver e morrer aqui.

Olha para mim como se estivesse a desafiar-me a confrontá-lo. Em vez disso, chego-me para o outro lado do barco, para junto dele e ponho os braços à volta do seu pescoço.

— Eu entendo — sussurro.

Ele descontrai.

— Então e tu? O que queres fazer?

— Também não quero ir embora. Quero ficar aqui. Contigo.

...

⁷ Universidade do Norte do Arizona. (N. da T.)

⁸ Mascote do Serviço Florestal dos Estados Unidos, utilizada para consciencializar as pessoas acerca do perigo dos incêndios florestais. (N. da T.)

Nessa noite, quando estou prestes a adormecer, o meu telemóvel toca. De início, ignoro-o, deixo a chamada ir para a caixa de correio, porque quero entrar no meu sonho e descobrir quem morreu. Mas depois, toca outra vez. E outra vez. Quem quer que seja, não aceita um não como resposta. O que me faz pensar que é...

— Pronto, Ange, é bom que seja importante, porque é tarde e...

— É Stanford! — Ela ri-se, um riso feliz e desenfreado que nunca lhe tinha ouvido. — Vou para Stanford, C. Foram as árvores — foste brilhante em sugerir que visse as árvores.

— Uau. Primeira divisão. Isso é ótimo, Ange.

— Eu sei, certo? Quer dizer, eu estava preparada para que fosse qualquer coisa, mesmo que fosse uma escola insignificante de que ninguém tivesse ouvido falar, porque é o meu propósito e isso é o mais importante, mas Stanford é uma escola que eu matava para frequentar, mesmo sem o meu propósito. Por isso, é perfeito.

— Fico feliz por ti. — Pelo menos, estou a tentar ficar. Cresci perto de Stanford. Ainda me parece a minha casa.

— E há mais uma coisa — diz ela.

Preparo-me para notícias ainda mais chocantes, como ela já ter arranjado uma bolsa de estudos completa, ou um anjo de carne e osso, um *Intangere*, ter descido com um bilhete para ela, a descrever cuidadosamente e ao pormenor o seu propósito e tudo o que ela tem de fazer em Stanford, um memorando vindo do Céu.

— Pronto. O que é? — pergunto, porque ela não me conta logo.

— Quero que vás também.

— Há? Quando?

— Para a faculdade, tolinha. Vou para Stanford, e quero que estejas lá comigo.

Três da manhã. É impossível dormir. Tenho estado a virar-me nos cobertores a noite toda, incapaz de calar todos os pensamentos loucos a saltitarem-me pela cabeça. A minha mãe a ser amiga de um anjo caído. Planos para a faculdade. Christian. Propósitos que duram cem anos. Um dilúvio que mata todos os sangue-de-anjo na Terra. Angela a querer que vá para Stanford com ela. Tucker a ficar aqui, sempre e para sempre. A Menina Baxter, querida e cheia de esperança, e completamente irritante. E alguém a morrer, não esqueçamos. Alguém. E eu continuo sem fazer ideia de quem é.

Finalmente, levanto-me e vou para o andar de baixo. Fico surpreendida ao encontrar a mãe sentada ao balcão da cozinha com um xaile à volta dos

ombros, com as mãos a rodear uma chávena de chá como se estivesse a usá-la para se aquecer. Olha para cima e sorri.

— Insones de todo o mundo, uni-vos — diz ela. — Queres chá?

— Claro.

Encontro a chaleira no balcão e sirvo uma chávena a mim mesma, procuro as natas e o açúcar e depois fico ali, distraída, a mexê-lo durante demasiado tempo, até que a mãe pergunta:

— O que se passa?

— Nada — respondo. — O do costume. Ah, e a Angela vai para Stanford.

A mãe levanta as sobrancelhas.

— Stanford. Impressionante.

— Bem, ela ainda nem se candidatou, mas acha que o seu propósito vai acontecer lá.

— Estou a ver.

— Ela quer que eu vá com ela. — Rio-me. — Como se eu alguma vez conseguisse entrar em Stanford, certo?

— Não vejo porque não — diz ela, franzindo o sobrolho. — És uma aluna excelente.

— Vá lá. É preciso mais do que isso, mãe. Eu sei que tenho boas notas, mas para uma escola dessas é preciso... ser presidente da equipa de debate ou construir casas para os sem-abrigo na Guatemala ou tirar vinte nos SATs⁹. Quase não prestei atenção aos SATs. Não fiz nada desde que vim para o Wyoming. — Encontro os olhos dela. — Estava tão obcecada com o meu propósito que praticamente não reparei em mais nada.

A mãe bebe o seu chá. Depois diz:

— Já acabou, a festa da comiseração?

— Sim, acho que sim.

— Ótimo. Não é bom choramingar durante muito tempo. Faz mal à pele.

Faço-lhe uma careta.

— Mas tens uma grande vantagem, em relação a Stanford — diz ela.

— Ah sim? Qual?

— A tua avó estudou lá, e por acaso doa uma enorme quantia de dinheiro à universidade, todos os anos.

Olho-a fixamente. A minha avó. Eu não tenho avó. A mãe da mãe morreu durante o parto, para aí em 1890.

— Queres dizer, a mãe do pai? — Nunca ouvi nada sobre a mãe do meu pai. Nenhum dos meus pais alguma vez falou muito sobre a sua família.

⁹ Exames de admissão à faculdade. (N. da T.)

— Não — diz a mãe com um sorrisinho conhecedor. — Falo de *mim*. Em 1967, licenciiei-me em Stanford com um curso de História. Nessa altura, o meu nome era Margot Whitfield. Essa, pelo menos de acordo com os registos oficiais, é a tua avó.

— Margot Whitfield — repito.

— Sou eu.

Abano a cabeça, incrédula.

— Sabes, às vezes sinto que não te conheço minimamente.

— Não conheces — admite ela com facilidade, o que me apanha desprevenida. — Quando andares por cá há tanto tempo como eu, já terás vivido várias vidas diferentes e cada uma delas é, de certa forma, uma pessoa diferente. Uma versão diferente de ti mesma. Para ti, a Margot Whitfield é uma estranha.

Os meus pensamentos vão direitos para Samjeeza e para a forma como ele chama Meg à minha mãe; a imagem dela que ele traz na cabeça, esta rapariga de cabelo castanho muito curto, a sorrir pretensiosamente. É definitivamente uma estranha.

— Então como era esta Margot Whitfield? — pergunto. — Belo nome, já agora. Margot.

— Era um espírito livre — diz a mãe. — Um pouco *hippie*, receio.

O meu cérebro evoca instantaneamente uma imagem da minha mãe num daqueles vestidos fluidos de poliéster, com os óculos de sol pequeninos e margaridas no cabelo, a dançar ao som da música de Woodstock, a protestar contra a guerra.

— Então, tomaste muitas drogas?

— Não — diz ela, um pouco à defesa. — Tive a minha fase rebelde, Clara. Mas definitivamente não foi nos anos sessenta. Foi mais nos anos vinte.

— Então, porque eras *hippie*, se não estavas a rebelar-te?

Ela hesita.

— Não me dei muito bem com a conformidade dos anos cinquenta.

— Como te chamavas nos anos cinquenta?

— Marge — diz ela com uma gargalhada. — Mas nunca fui a típica dona de casa dos anos cinquenta.

— Porque não eras casada.

— Certo. — Ela já me tinha dito isto. Há uns tempos, tive receio de que talvez, dada a sua idade, já tivesse sido casada algumas vezes e tivesse muitos filhos espalhados por aí, mas ela assegurou-me que não era esse o caso.

— Alguma vez estiveste quase a casar? — Isto, nunca lhe tinha perguntado. Mas ultimamente ela tem sido bastante direta, por isso tento a minha sorte.

A mãe fecha os olhos por um minuto, e respira profundamente.

— Sim.

— Quando?

Olha para mim.

— Nos anos cinquenta. Agora voltemos à Margot Whitfield, por favor. Anuo com a cabeça.

— Então foste uma aluna de Stanford. Quantas vezes andaste na faculdade, já agora?

— Vejamos — diz ela, obviamente aliviada por sair dos anos cinquenta e voltar para uma época em que está mais à vontade. — Quatro. Estudei Enfermagem, História, Relações Internacionais e Programação Informática.

Deixo-me assimilar aquilo por um minuto.

— Relações Internacionais?

— Contava-te, mas depois teria de te matar.

— Não me digas que foste espia?

Ela sorri inexpressivamente.

— Então é por isso que estás sempre a dizer-me para ter calma com isto da faculdade. Não tenho de escolher só uma carreira. Quando vivemos centenas de anos, temos tempo para ser tudo o que nos interessa.

— Quando vivemos uma vida longa — diz ela — podemos fazer muita coisa. Temos tempo. Mas se queres ir para Stanford com a Angela, acho que pode ser muito divertido.

— Vou pensar nisso — digo. Mas se for com Angela, eu e Tucker vamos ficar separados. Teremos de nos meter numa relação à distância e isso não parece lá muito divertido.

Arrasto-me para a cama por volta das quatro, agora completamente exausta, esperando conseguir umas horas de sono antes de começar o dia de amanhã. Mas sou instantaneamente sugada para o sonho do cemitério, o que não é de todo repousante. Por segundos, luto contra isso, completamente desorientada, a tropeçar enquanto subo a colina. Tento abrandar a respiração, lembrar-me de que na verdade quero estar aqui, tento acalmar o desespero imediato e o pânico que sinto para descobrir quem vai morrer. *Olha em redor*, digo a mim mesma. *Vê quem não está aqui. Quem devia estar e não está.*

Avisto Jeffrey, como sempre. Digo o seu nome. Não olha para mim e diz “Vamos acabar com isto de uma vez” como diz todas as vezes. Quero perguntar-lhe “Quem é?” mas os meus lábios não formam as palavras. Estou bloqueada no que a Clara do futuro está a fazer neste momento, que é caminhar, concentrar-se em pôr um pé à frente do outro e desejar conseguir chorar. *Se ao menos eu conseguisse chorar, raios*, pensa ela — penso eu, *talvez a dor não fosse tão grande.*

Tudo o que posso fazer é ficar até ao fim e observar. Agora que sei que isto é um cemitério, que isto é um cortejo fúnebre, parece tão óbvio. Todos estão a usar roupa escura. Reparo em sepulturas espalhadas por baixo das árvores. Tento prestar atenção a mais do que ao sofrimento que se intensifica na minha cabeça.

É primavera, percebo rapidamente. As folhas nas árvores e a relva são de um tom verde jovem. O ar tem aquele aroma a lavado e fresco que surge depois de uma chuva de primavera, em que ainda se detetam vestígios de neve. Começam a aparecer os primeiros indícios de flores silvestres na encosta.

Vai acontecer na primavera.

Consigo distinguir claramente Angela a desviar-se completamente para o lado, usando um longo vestido de cor violeta. Ali está o senhor Phibbs, o meu professor de Inglês. Agora que penso nisso, reconheço várias pessoas da escola, talvez porque a escola é o único sítio em Jackson em que conheço alguém. Vejo a senhora Lowell, a secretária da escola, e a sua filha ruiva, Allison. Kimber Lane, a namorada de Jeffrey. Ava Peters. Wendy, a caminhar ao lado dos seus pais, segurando uma rosa branca junto ao peito. Vejo o seu rosto de relance, que está mais pálido do que o habitual; os seus olhos azuis estão vermelhos e inchados. Não tem problemas em chorar.

Quem falta?

Dedos quentes envolvem os meus. Olho para Christian. Aperta-me a mão. Não devia deixá-lo dar-me a mão, penso. Pertença a Tucker.

Tu consegues fazer isto, diz Christian dentro da minha cabeça. Não tem dúvidas. Não há hesitação. Não está preocupado que Tucker apareça e fique chateado por ele estar a dar-me a mão.

Sinto um nó no estômago.

Tucker.



Mais Cedó ou Mais Tarde

 — **M**ais cinco minutos, pessoal. Aula de Política Governamental. Estou a ver Tucker a fazer um teste sobre a Constituição dos EUA. Terminei-o há quinze minutos, por isso estou sentada a observá-lo enquanto ele se inclina sobre o papel, a franzir o sobrolho, a parar para bater com o lápis na secretária a um ritmo louco, como se isso pudesse avivar-lhe a memória. Claramente, as coisas não lhe estão a correr bem.

Em qualquer outra altura, acharia adorável vê-lo assim, todo frustrado e com o rosto franzido de concentração. Mas tudo o que consigo pensar é: o que importa um estúpido teste de política governamental? Vais morrer. E de alguma forma, a culpa é minha.

Para. Para de pensar nisso. Não sabes com toda a certeza.

Mas sinto que sei. A conclusão a que cheguei é que Tucker devia ter morrido no incêndio. Se eu não tivesse abandonado o meu propósito, se não tivesse saído a voar para o salvar, ele teria morrido ali nos bosques sobre Palisades. Era o seu destino. Era suposto eu ter escolhido Christian. Tucker devia ter morrido. Agora, com este novo sonho, parece a mesma cena a desenrolar-se novamente. Christian e eu, a caminhar pelos bosques outra vez. Tucker morto.

Só que desta vez, não é uma decisão de última hora que tenho de tomar. Desta vez vou ter meses para me sentir agoniada com isto.

E esta é a outra conclusão a que cheguei: não importa quanto tempo tenho para pensar no assunto. Continuarei a escolher o Tucker. Não quero saber se isso me estraga o propósito.

Não vou deixá-lo morrer.

O problema é que não sei como vai acontecer, por isso não sei como o impedir. É como aquele filme, *O Último Destino*, em que era suposto as pessoas morrerem num acidente de avião, mas saíram do avião e por isso a Morte vem persegui-las, uma por uma, porque *era suposto morrerem*. Já pensei nos cenários mais loucos, como: a) o Tucker tem um acidente de carro, b) engasga-se com um pedaço de carne ao jantar, c) é atingido por um raio porque nunca mais para de chover, d) escorrega e cai no chuveiro e afoga-se ou e) a sua casa é atingida por um meteorito. Mas o que posso fazer eu em relação a isso? Não é que possa estar sempre com ele. Já cheguei a ficar tão tresloucada que me esgueirei para casa dele algumas vezes, a meio da noite, para o vigiar enquanto dormia, só no caso de, sei lá, a sua coleção de banda-desenhada decidir entrar em combustão espontânea. Foi uma atitude parva e admito que foi assustadora ao estilo de Edward Cullen¹⁰, mas foi a única coisa que me lembrei de fazer. Graças a Deus ele já não participa nos rodeios, porque acho que neste momento não suportava vê-lo a tentar montar um touro.

Por isso, nomeei-me a mim mesma como sua guardiã. Também o fui buscar a casa para irmos para a escola todos os dias desta semana, e conduzi até lá tão devagar que ele começou a gozar-me por eu conduzir como uma avozinha. Obviamente, ele reparou que há algo de errado. Tucker nunca deixa escapar nada. Além disso, não estou a ser propriamente subtil quando me passo com esta questão do namorado destinado a morrer.

Esta manhã, por exemplo. Estávamos sentados na cantina durante o intervalo do pequeno-almoço e houve um estrondo repentino e sonoro do outro lado do refeitório, e eu não consegui evitar. Mexi-me depressa, demasiado depressa, tão depressa que a mãe se teria passado se tivesse visto, colocando-me entre o ruído e Tucker. Depois fiquei ali de pé, à espera, com os punhos cerrados ao lado do corpo, até ouvir alguns rapazes a rirem-se do palerma que tinha esmagado uma lata de refrigerante com o pé — uma lata de refrigerante! — e agora toda a gente do seu grupo estava a congratulá-lo pela sua espetacular capacidade de fazer ruídos.

E Tucker estava a olhar para mim. Wendy também, com o *bagel*¹¹ levantado a meio caminho da boca. Toda a gente na minha mesa, a olhar fixamente.

— Uau — digo eu sem fôlego, tentando recuperar. — Aquilo assustou-me. As pessoas não deviam fazer aquilo.

— Não deviam esmagar latas de refrigerante? — perguntou Wendy. — Estás muito assustada, não achas?

¹⁰ Personagem principal de *O Crepúsculo*. (N. da T.)

¹¹ Pão em forma de anel. (N. da T.)

— Ei, sou da Califórnia — tentei explicar. — Tínhamos de passar por detetores de metais para entrar na escola.

Tucker ainda estava a olhar para mim, com as sobrancelhas juntas.

Agora que o vejo a debater-se com o seu teste, penso em contar-lhe. Podia contar-lhe e então não haveria segredos entre nós, nem mentiras. Seria a coisa mais honesta a fazer. Mas também seria uma coisa horrível. Uma coisa egoísta.

Porque, e se eu estiver errada? Afinal de contas, pensei que a minha última visão me dizia que era suposto salvar Christian e estava bem errada. Não é o tipo de notícia que se queira dar, a não ser que se tenha a certeza absoluta.

Mas e se eu estiver certa? Será que eu queria saber que ia morrer?

O meu olhar vagueia para lá de Tucker, duas filas à frente, para Christian. Ele também já acabou o teste. Olha para cima, como se conseguisse sentir o meu olhar sobre ele. Lança-me um sorriso ténue que só dura alguns segundos. Depois olha de relance para Tucker, que ainda está a franzir o sobrolho, obviamente para a folha.

Bela jogada no refeitório, hoje de manhã, diz Christian de repente na minha mente.

Está a falar dentro da minha cabeça! Por um minuto, estou demasiado chocada para formar uma resposta. Será que ele sabe no que estou a pensar agora? Tem estado a ler a minha mente este tempo todo? Estou dividida entre o desejo de lhe responder e o de tentar bloqueá-lo completamente.

Ah, viste isso?, respondo finalmente, tentando fazer sair as palavras para o encontrarem, como fiz quando falei com a mãe naquele dia na floresta, quando tivemos uma conversa inteira dentro das nossas cabeças.

Não consigo perceber se ele me ouve. O seu olhar cola-se ao meu.

Estás bem?

Desvio o olhar. *Estou ótima.*

— Pronto, pousem os lápis — diz o senhor Anderson. — Tragam o vosso teste aqui para a frente. Depois, podem ir.

Tucker faz caretas, suspira e depois vai até à secretária do senhor Anderson com o seu teste. Quando se volta, lanço-lhe o meu sorriso mais compreensivo.

— Não correu bem, há?

— Não estudei — diz ele enquanto reunimos as nossas coisas e nos dirigimos para o corredor; eu com cuidado para evitar Christian. — A culpa é minha. Ando a matar-me a trabalhar, como diz o meu pai. Amanhã tenho teste de Espanhol e não devo sair-me muito melhor.

— Eu podia ajudar-te — ofereço. — *Yo hablo español muy bien.*

— Batoteira — diz ele, mas sorri.

— Depois das aulas? Eu dou-te explicações?
— Tenho de trabalhar hoje à tarde.
— Eu posso passar lá depois. — Sei que estou a ser insistente, mas quero passar todos os minutos que possa com ele. Quero ajudá-lo, nem que seja só com o Espanhol. Isso, posso fazer.
— Podias aparecer para jantar e depois atacávamos os livros. Mas se calhar vamos ter de ficar acordados até muito tarde. Sou mesmo muito mau a Espanhol — diz ele.
— Tens sorte por eu ser um bocado coruja.
Ele faz um sorriso rasgado.
— Certo. Então, hoje à noite?
— Lá estarei.
— “*Hasta la vista, baby*”¹² — diz-me ele, e eu abano a cabeça e sorrio por ele conseguir ser tão adoravelmente totó. O único espanhol que sabe vem do Arnold Schwarzenegger.

Nessa noite, dou comigo sentada na cozinha aconchegante e iluminada do *Lazy Dog Ranch*. Parece uma cena de *Uma Casa na Pradaria*. Wendy põe a mesa enquanto a senhora Avery acaba de fazer o puré de batata. Tucker e o senhor Avery entram, vindos do celeiro, e ambos dão um beijo rápido na bochecha da senhora Avery, depois enrolam as mangas das suas camisas de flanela e lavam as mãos no lava-loiça, como cirurgiões a prepararem-se para a sala de operações. Tucker senta-se na cadeira ao lado da minha. Aperta-me o joelho debaixo da mesa.

A senhora Avery sorri-me alegremente do fogão.

— Bem, Clara — diz ela. — Devo dizer que é um prazer voltar a ver-te.

— Sim, senhora Avery. Obrigada por me receber.

— Oh querida, chama-me Rachel. Acho que já passámos a fase das formalidades. — Dá uma palmada na mão do marido, afastando-o do cesto de pãezinhos. — Espero que tenhas fome.

O jantar acaba por ser carne assada com molho, batatas, cenouras, aipo e pães de leite caseiros, tudo empurrado com enormes copos de chá gelado.

Comemos em silêncio durante algum tempo. Não consigo parar de pensar no quanto esta família ficará devastada se perder Tucker; não consigo parar de me lembrar das expressões que têm no rosto, no meu sonho. Tristes. Resignados. Determinados a ultrapassar tudo aquilo.

— Digo-te uma coisa, *Ma* — diz Tucker. — Isto é mesmo uma ótima

¹² Referência ao filme *O Exterminador Implacável*. (N. da T.)

refeição. Acho que não te disse vezes suficientes o quanto és uma cozinheira fantástica.

— Ora, obrigada, filho — responde ela, parecendo agradavelmente surpreendida. — Não disseste.

Wendy e o senhor Avery riem-se.

— Ele viu a luz — diz o senhor Avery.

Isto parece instigar algo, e de repente todos estão a falar sobre os incêndios.

— Digo-vos uma coisa — diz o senhor Avery, espetando um pedaço de carne com o garfo e agitando-o no ar. — Se alguma vez apanharem o sacana que começou aqueles fogos, vou dar-lhe o que ele merece.

Levanto a cabeça rapidamente.

— Alguém começou os fogos? — pergunto, com o coração subitamente a ribombar.

— Bem, eles acham que um deles começou por causas naturais, como um relâmpago — diz Wendy. — Mas o outro foi fogo posto. A polícia está a oferecer uma recompensa de vinte mil dólares a quem lhes der informações que levem a uma detenção.

É isto que acontece quando deixo de ver as notícias. Chamam-lhe fogo posto. Pergunto-me o que a polícia faria se descobrisse quem é o verdadeiro culpado. Há, sim, senhor agente, creio que quem começou o incêndio tinha cerca de um metro e noventa. Cabelo preto. Olhos cor de âmbar. Enormes asas negras. Residência: Inferno. Ocupação: líder dos Sentinelas. Data de nascimento: o início dos tempos.

Por outras palavras, são vinte mil dólares que nunca ninguém vai ver.

— Bem, por mim, espero que o apanhem — diz o senhor Avery. — Quero uma oportunidade de o olhar nos olhos.

— Pai — diz Tucker num tom desgastado. — Esquece isso.

— Não. — O senhor Avery aclara a garganta. — Eram as nossas terras, a herança que o teu avô te deixou, era tudo por que trabalhaste, a tua carrinha, o teu atrelado, o teu cavalo, todos aqueles biscates, a poupar cada tostão para conseguir pagar as quotas dos rodeios, o equipamento, a gasolina para a carrinha. Anos de trabalho duro, suor e mais suor, horas de treino e eu não vou esquecer isso.

— Esperem — digo eu, ainda a atualizar-me. — Foi no incêndio dos Palisades que eles suspeitaram de fogo posto?

O senhor Avery anui com a cabeça.

Então, não foi o incêndio que Samjeeza começou, ao tentar obrigar-me a mim e à minha mãe a revelarmo-nos em Static Peak. O outro incêndio. Alguém começou deliberadamente o outro incêndio?

— Não interessa — diz Tucker sem pensar. — É assunto encerrado. Estou grato só por estar vivo.

Também eu. E o que estou a pensar neste momento é: como poderei manter-te dessa forma?

Mais tarde, eu e Tucker saímos para o alpendre. Sentamo-nos no baloiço e balançamos. Está frio, na verdade está um gelo, mas nenhum de nós parece importar-se. O céu está demasiado enevoadado para se verem as estrelas. Depois de algum tempo ali sentados, começa a nevar. Não vamos para dentro. Ficamos deitados ali no baloiço, balançando para a frente e para trás; a nossa respiração mistura-se enquanto sobe em baforadas enevoadas acima das nossas cabeças.

— O céu está a cair — sussurro, ao observar os flocos de neve a pairarem no vento.

— Sim — diz ele. — É o que parece. — Senta-se para cima, no baloiço, para me olhar para o rosto, e o meu coração começa a bater a quilómetros por minuto sem motivo aparente.

— Estás bem? — pergunta ele. — Andaste tensa a semana toda. O que se passa?

Olho para ele fixamente e penso em perdê-lo e os meus olhos iluminam-se subitamente com lágrimas. E as lágrimas — as lágrimas de qualquer rapariga, mas principalmente as minhas — afetam mesmo Tucker.

— Ei — sussurra, e instantaneamente toma-me nos seus braços. Choro contra o seu ombro por alguns minutos, depois recomponho-me, olho para cima e tento sorrir.

— Estou bem — digo. — Só estou stressada.

Ele franze o sobrolho.

— Coisas de anjo — diz ele. Nem sequer é uma pergunta. Sempre que algo me preocupa, parte do princípio que são coisas de anjo.

Gostava de poder contar-lhe. Mas não posso. Não sem ter a certeza.

Abano a cabeça.

— Coisas da faculdade. Vou candidatar-me a Stanford, sabes? — Isto é verdade. Mesmo que ache que é demasiado improvável, mesmo que não consiga arranjar grande entusiasmo pela faculdade — mesmo por Stanford —, tenho andado a candidatar-me.

A expressão de Tucker ilumina-se, como se subitamente compreendes-se tudo perfeitamente. Estou triste porque vou para a faculdade e ele vai ficar aqui.

— Vai correr tudo bem — diz ele. — Vamos fazer com que resulte, onde quer que vás parar, está bem?

— Está bem.

Volta a abraçar-me, aperta-me o ombro em tom de brincadeira.

— Vai correr tudo bem, Cenoura. Vais ver.

— Como sabes tanta coisa? — pergunto, meio a brincar, meio a sério.

Ele encolhe os ombros. De repente, inclina ligeiramente a cabeça para o lado.

— O que foi? — pergunto.

Ele levanta uma mão para me mandar calar. Fica à escuta por um minuto. Depois, suspira.

— Pareceu-me ouvir qualquer coisa, só isso.

— O quê? — pergunto.

— Um cavalo. Pareceu-me ter ouvido um cavalo.

— Oh, Tuck — digo, abraçando-o com mais força. — Lamento.

Mas depois, parece-me ouvir também alguma coisa. Um ruído surdo e prolongado. Talvez o som de cascos a bater.

Fico à escuta por momentos e ainda a oiço, a pancada rítmica e regular de algo contra a terra. Depois, a baforada de um animal de grande porte em movimento, a correr, com a respiração pesada.

Os meus olhos encontram os de Tucker.

— Também estou a ouvir — digo-lhe.

Saltamos do baloiço, corremos para o quintal da frente. Faço lentamente um círculo no quintal, à escuta, à medida que o som se aproxima.

— Por ali — sussurro, apontando para as Tetons. Tucker começa a correr naquela direção, salta por cima de uma pequena vedação. É quando *Midas* atravessa a linha das árvores, a correr depressa, com o suor a brilhar-lhe nos flancos. Tucker vê-o e dá um enorme grito de alegria. *Midas* relincha. Fico ali de pé a observar Tucker e *Midas* a encontrarem-se no campo junto à casa. Tucker lança-se de braços abertos sobre a espádua de *Midas*, enterrou a cara no seu pescoço brilhante. Ficam assim durante muito tempo, e depois Tucker afasta-se e começa a passar-lhe as mãos por todo o corpo, à procura de ferimentos.

— Está queimado, muito magrinho, mas nada de grave — grita ele. — Nada que não possamos tratar. — Depois, diz ao cavalo carinhosamente: — Sabia que ias conseguir. Sabia que aquele incêndio não te conseguia apanhar.

Os seus pais e Wendy saem para o alpendre, veem o *Midas* e correm para o campo connosco para se deslumbrarem com este milagre de loucos. Wendy aperta-me a mão com força enquanto todos trazemos o cavalo de volta para o celeiro, de volta ao seu lugar.

— O bom filho a casa torna — diz a senhora Avery.

— Vês, Cenoura — diz Tucker, enquanto afaga o focinho de *Midas*. —
As coisas acabam por acontecer como é suposto.
É disso que tenho medo.

No dia seguinte, a tristeza volta a assolar-me. Quase já me tinha esquecido da sensação horrível que é, a forma como a minha garganta se fecha, como o meu peito fica apertado e os olhos me ardem. Desta vez, estou na mercearia com Jeffrey, e assim que lhe digo, arma-se em ninja sangue-de-anjo, paranoico e a agachar-se ali mesmo, no meio do corredor, entre o iogurte e o queijo fresco enquanto eu volto a ligar à mãe pelo telemóvel. Era capaz de achar piada a Jeffrey se não tivesse ficado tão assustada com a perspectiva de ser morta por um Asa Negra, só que desta vez presumo que não posso ser morta. Se morrer aqui no corredor nove, nunca chegarei à primavera e àquele dia no cemitério.

Por isso, Samjeeza não está aqui para me matar, acho eu. Mas não é exatamente comigo que estou preocupada. Apesar de todas as minhas ideias amalucadas sobre as formas como a morte do Tucker pode acontecer, a que me parece mais provável é que apareça um Asa Negra e o mate. Para me atingir. Para me castigar, talvez, por virar costas ao meu propósito. Para equilibrar a balança. Ou, talvez, simplesmente porque os Asas Negras são maléficos e gostam de fazer coisas maléficas, tais como matar aqueles de quem as boas pessoas gostam.

A ideia aterroriza-me. Mas, mais uma vez, o sentimento de tristeza desaparece ainda antes de a mãe lá chegar. Como se nunca tivesse acontecido. Como se estivesse tudo na minha cabeça.

Alguns dias depois, no Clube dos Anjos, Jeffrey está a mostrar-nos um truque que consegue fazer, em que dobra uma moeda ao meio, usando apenas os dedos. Depois, claro que todos temos de tentar; primeiro eu, e Jeffrey não fica muito satisfeito por eu conseguir também dobrar a moeda; depois Angela, que se esforça tanto que fica com a cara roxa e acho que vai desmaiar; depois Christian, que também não consegue.

— Pelos vistos, isso não é para mim — diz ele. — Mas é muito fixe.

— Pode ser genético — pondera Angela. — Algo que seja da tua família e do Jeff.

Jeffrey bufa.

— Ah, sim. Um gene para dobrar moedas.

Penso, de que me servirá conseguir dobrar moedas? Que utilidade tem essa capacidade? E subitamente, apetece-me chorar. Sem motivo aparente. Pimba — lágrimas.

— O que se passa? — pergunta Christian imediatamente.

— Tristeza — murmuro.

Chamamos a minha mãe. Desta vez, Angela está a passar-se completamente porque é a casa dela e é muito mau não nos sentirmos seguros em nossa casa. A minha mãe aparece dez minutos depois, completamente sem fôlego. Desta vez, não parece assim tão preocupada. Apenas cansada.

— Ainda a sentes? — pergunta-me ela.

— Não. — O que significa que neste momento me sinto bastante estúpida.

— Talvez seja a tua cena da empatia — diz-me Angela enquanto me acompanha à porta do teatro. — Talvez estejas a apanhar pessoas à tua volta que estão tristes.

Acho que isso faria sentido.

Mas afinal, a mãe tem outra teoria. Descubro isso mais tarde nessa noite, quando entra no meu quarto para me desejar boa-noite. Ainda está a nevar — tem estado, desde o regresso do *Midas*; a neve cai em enormes flocos formando um declive do lado de fora da minha janela. Vai ser uma noite fria.

— Desculpa estar sempre a... tu sabes, gritar “lobo” — digo à mãe.

— Não faz mal — diz ela, mas a sua expressão é carrancuda, como se eu estivesse a provocar-lhe rugas novas.

— Não pareces lá muito preocupada — refiro. — Porquê?

— Já te disse — diz ela. — Não espero que o Sam venha atrás de nós tão cedo.

— Mas eu sinto mesmo tristeza. Pelo menos, acho que sinto, quando isso acontece. Isso não significa nada?

— Alguma coisa há de significar. — Ela suspira. — Mas o que estás a sentir talvez não seja a tristeza de um Asa Negra.

— Achas que é a de outra pessoa?

— Pode ser a tua — diz ela, olhando para mim outra vez com aquele olhar quase-desapontado.

Durante um segundo, parece que todo o ar desapareceu do quarto.

— A minha?

— Os Asas Negras sentem tristeza porque estão a ir contra o seu propósito. A nós, acontece-nos o mesmo.

Estou perplexa. Sinceramente, não tenho palavras.

— O que os Asas Negras sentem é muito, muito mais intenso — continua ela. — Escolheram separar-se de Deus, e isso causa-lhes uma dor quase insuportável.

Nunca poderei voltar atrás. Era o que Samjeeza estava sempre a pensar naquela noite. *Nunca poderei voltar atrás.*

— Conosco, é um pouco mais subtil, mais esporádico — diz ela. — Mas acontece.

— Então — consigo dizer um minuto depois — achas que estou a ter acessos de tristeza porque não... cumpri o meu propósito?

— Em que estás a pensar, quando isso acontece? — pergunta ela.

Devia contar-lhe o sonho. O cemitério. Tudo aquilo. Mas as palavras ficam-me presas na garganta.

— Não sei. — Isso é verdade. Não me lembro exatamente do que estava a pensar de todas aquelas vezes, mas arriscaria um palpite de que envolvia Tucker, o meu sonho e o facto de que não vou permitir que ele se realize.

Estou a lutar contra o meu propósito.

O que significa que estou a ir contra o meu desígnio.

A tristeza é minha.